



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro Biomédico

Instituto de Nutrição

Tiago Tavares de Castro Fernandes

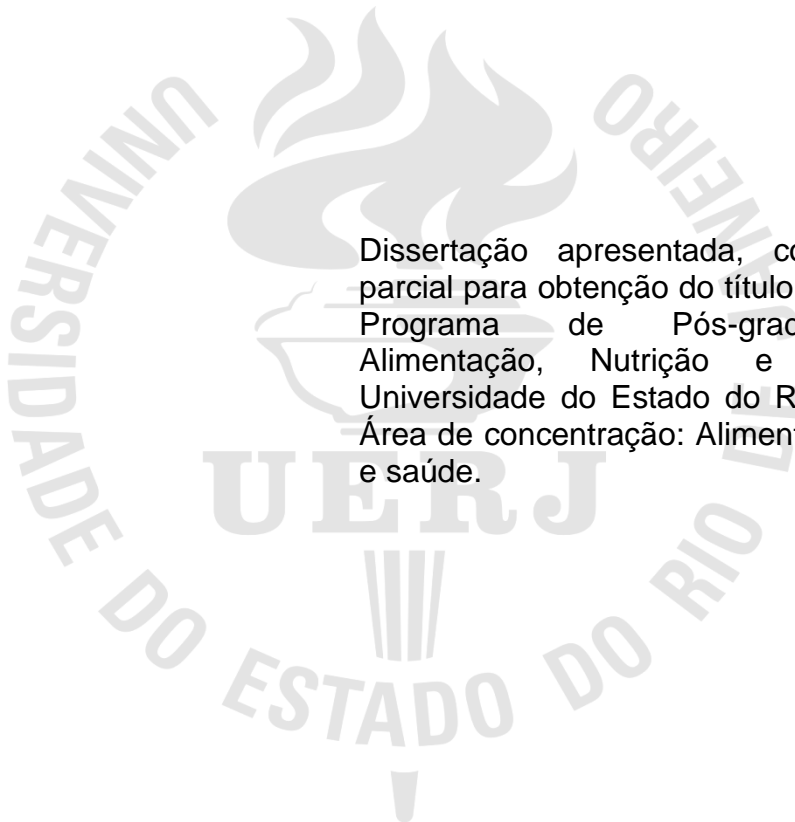
**A comida e seus sentidos: Medicalização e discurso biomédico na
revista “Saúde”**

Rio de Janeiro

2016

Tiago Tavares de Castro Fernandes

**A comida e seus sentidos: Medicalização e discurso biomédico na revista
“Saúde”**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Área de concentração: Alimentação Nutrição e saúde.

Orientador : Prof. Dr. Francisco Romão Ferreira
Coorientador : Prof. Dr. Kenneth Rochel de Camargo Jr

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

F363 Fernandes, Tiago Tavares de Castro.
A comida e seus sentidos: Medicalização e discurso biomédico na revista "Saúde" / Tiago Tavares de Castro Fernandes. – 2016.
76 f.

Orientador: Francisco Romão Ferreira
Coorientador: Kenneth Rochel de Camargo Jr
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Nutrição

1. Nutrição – Teses. 2. Periódicos brasileiros – Teses. 3. Alimentação – Teses. I. Ferreira, Francisco Romão. II. Camargo Jr., Kenneth Rochel de. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Nutrição. III. Título.

es CDU 613.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Tiago Tavares de Castro Fernandes

**A comida e seus sentidos: Medicalização e discurso biomédico na revista
“Saúde”**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Alimentação Nutrição e Saúde.

Aprovada em 14 de julho de 2016.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Francisco Romão Ferreira
Instituto de Nutrição da UERJ

Prof^a. Dr^a. Cristiane Marques Seixas
Instituto de Nutrição da UERJ

Prof^a. Dr^a. Eliane Portes Vargas
PPG/EBS - IOC /Fiocruz

Rio de Janeiro

2016

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo a Edevar de Assis Velasco que acompanhou entusiasmado o início dos trabalhos do curso de mestrado, mas por um capricho do destino, não viveu para ver esta conclusão. A sua lembrança representa ânimo para seguir em frente!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Francisco Romão Ferreira, por toda a paciência com que levou a orientação, sempre amigo, por vezes quase um terapeuta, sempre presente e disposto a ajudar nesta curta e intensa trajetória do mestrado.

A Kenneth Rochel de Camargo Jr. Por desvelar outro universo do pensamento em saúde.

A Eliane Portes Vargas por propor leituras fundamentais ao estudo e por acreditar na proposta, essas contribuições foram decisivas para o trabalho.

A Shirley Donizete Prado, Maria Claudia Carvalho, Fabiana Bom Kraemer, Cristiane Marques Seixas, pela generosidade com que partilham seus saberes e por todo afeto envolvido no cotidiano do Nectar, coisa rara num mundo cada vez mais utilitarista, traço que marca profundamente todos os nectarianos que por ali transitam. É um privilégio fazer parte deste time!

A Nathália, Silvana, Letícia, Luciana, Chris Ayumi, Dani, Roberto, Ronaldo, Paula, Liv, Thaís, Flávia, Claudiane, Márcia, Alden, Mariana, Juliane, Clarissa, Marina, Ju da Mata, Nathalie, Valéria, Renata, Bruna, Léo... A todos os colegas do Nectar pela parceria de sempre!

Sinto-me imensamente grato a Denise Tavares de Castro, um verdadeiro “cais para quem quer se soltar”... Sem a sua presença nada seria possível!

A Fernanda Sobrosa parceira de vida, companheira de todo momento dos mais belos aos mais incertos... Sempre trazendo leveza e alegria à cena!

Agradeço a todos que de algum modo contribuíram para a materialização deste projeto. A minha família sempre apoiando minhas escolhas, aos Codeço, aos Sobrosa.

A Larissa Wollz e Matheus pela acolhida de sempre!

Aos companheiros do “Clube da esgrima” por todos os dias e noites, por todas as palestras e momentos festivos! Vocês são fundamentais!

Aos amigos Mari, Fred, Victor, Bernardo presenças determinantes no momento decisivo.

Embora a interpretação pareça se fazer por um sujeito que apreende um sentido que está nas palavras, esta relação, como vimos, é ao mesmo tempo mais indireta e mais determinada por processos que fogem ao controle do sujeito e que mostram que os sentidos não emanam das palavras. A análise do discurso trata a questão, da interpretação restituindo a espessura à linguagem e a opacidade aos sentidos. Ela propõe, então, uma distância, uma desautomatização da relação dos sujeitos com os sentidos.

Eni P. Orlandi

RESUMO

CASTRO FERNANDES, Tiago Tavares de. **A Comida e seus sentidos:** medicalização e discurso biomédico na Revista “Saúde”. 2016. 76 f Dissertação (Mestrado em Alimentação, Nutrição e Saúde) – Instituto de Nutrição, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

O estudo das relações entre sociedade e comida se configura como um desafio extremamente complexo. Alimentação & nutrição, cultura, informação e mídia, saúde e ciência corporificam na atualidade séries de fluxos discursivos que engendram a produção de uma subjetividade mediada pelos interesses do mercado. É possível a interpretação de aspectos simbólicos, socialmente construídos, através da análise discursiva do conteúdo que circula nos meios de comunicação social que uma determinada sociedade apresenta. O estudo trata dos sentidos e significados que permeiam o discurso midiático, sobre a comida. Trataremos da revista “Saúde”, publicação mensal da editora Abril mídia S.A. A revista desperta interesse justamente por se enquadrar no vasto rol de publicações populares que produzem conteúdo sobre dieta e saúde. A intenção foi compreender através de um olhar sobre a mídia (revista), como se dá a atribuição de valor simbólico à comida na vida cotidiana. Este estudo surgiu da observação de que, atualmente, há uma forte influência do discurso médico e nutricional sobre as práticas alimentares.

Palavras-chave: Medicalização da Comida. Práticas Alimentares. Análise do Discurso.

ABSTRACT

CASTRO FERNANDES, Tiago. **The food and senses:** medicalization and biomedical discourse in the journal "Health". 2016. 76 f. Dissertação (Mestrado em Alimentação, Nutrição e Saúde) – Instituto de Nutrição, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

The study of the relationship between society and the food is configured as an extremely complex challenge. Food & Nutrition, culture, information and media, health and science embodied in the present time series of discursive flows that engender the production of subjectivity mediated by market interests. It is possible to interpret symbolic aspects, socially constructed through discursive content analysis circulating in the media that a particular society presents. The study deals with the senses and meanings that permeate the media discourse on the food. Magazine deal "Health", monthly publication of the Abril media S.A. The magazine arouses interest just because it fits in the vast list of popular publications that produce content on diet and health. The intention was to understand by a glance at the media (magazine), how is the allocation of symbolic value to food in everyday life. This study arose from the observation that, currently, there is a strong influence of medical and nutritional discourse about dietary practices.

Keywords: Medicalization of food. Food practices. Discourse Analysis of the media.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1- Fibras afastam 9 problemas sérios.....	22
Ilustração 2- Adotar já!	22
Ilustração 3- Estudo gigantesco revela.	23
Ilustração 4 – Mais isso, menos aquilo.....	23
Ilustração 5- Comida contra o câncer.....	24
Ilustração 6- Comida para o coração.	24
Ilustração 7- Alimento que blinda o corpo.	25
Ilustração 8- Comida para afinar a cintura.	25
Ilustração 9-Poção poderosa e remédio do Faraó.	27
Ilustração 10- hospital entretenimento.	28
Ilustração 11 – Pozinho que vira refeição.	30
Ilustração 12- Soja transgênica mais rica e mais	31
Ilustração 13- Nutrição ou mercado de alimentos?	31
Ilustração 14- Estudo acusa relação entre cintura e fragilidade óssea.	32
Ilustração 15- Poder e dever depois dos 70.....	33
Ilustração 16- A ciência por traz dos comportamentos.....	34
Ilustração 17- Comportamento afeta imunidade.....	35
Ilustração 18-As funções ocultas da baba.....	36
Ilustração 19- Placar saúde.....	37
Ilustração 20- Razões para comer.	52
Ilustração 21- Saudável e sem fiapo.	57
Ilustração 22- Polpa Rica.	57
Ilustração 23- Doce duelo de frutas.....	58
Ilustração 24-Fibras e antioxidantes.....	58
Ilustração 25- Cinco vegetais por dia.	62
Ilustração 26- Cinco vegetais em uma pílula.....	62
Ilustração 27- A ciência comprova- turbinar a saúde.	63
Ilustração 28- Dicas para viver mais	64
Ilustração 29- Genetização dos hábitos cotidianos.	64
Ilustração 30 - A fita métrica e seus 11 segredos.....	65
Ilustração 31 - Psiquiatrização do cotidiano	65

Ilustração 32- Consciência do que comem.	66
Ilustração 33- Pílulas de combustível diário.	67
Ilustração 34- substitui uma refeição.....	68
Ilustração 35 - Cardápio ideal.....	70

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	MÍDIA, CIÊNCIA E SAÚDE	14
1.1	A segmentação do mercado e o surgimento da revista “Saúde” no cenário editorial brasileiro	18
1.2	A importância da comida para a revista “Saúde”	21
1.3	As seções da saúde	26
2	TEORIAS, CONCEITOS E METODOLOGIA	40
2.1	O discurso a partir de Foucault	42
2.2	O discurso biomédico	45
2.3	Procedimentos de análise	48
3	MEDICALIZAÇÃO DA COMIDA NA REVISTA “SAÚDE”	51
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
	REFERÊNCIAS	74

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da trajetória realizada durante o curso de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde (PPGANS/INU/UERJ), do Instituto de Nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa intitulada: “Políticas, Saberes e Práticas em Alimentação, Nutrição e Saúde”, e se desenvolveu junto ao NECTAR – Núcleo de Estudos sobre Cultura e Alimentação. O estudo acontece no âmbito da Alimentação e Nutrição em Saúde Coletiva, mais precisamente no campo que se constrói em torno das práticas alimentares na contemporaneidade.

O estudo trata dos sentidos e significados que permeiam o discurso midiático, sobre a comida. Trataremos da revista “Saúde”, publicação mensal da editora Abril mídia S.A. A revista desperta interesse justamente por se enquadrar no vasto rol de publicações que produzem conteúdo sobre dieta e saúde, e se apresenta na sua página na “rede social” com estas palavras: “Bem-vindo à página da revista “Saúde”, a maior e melhor revista de medicina, nutrição e bem-estar do Brasil” (SAÚDE, 2016). Portanto temos uma autêntica representante do setor de mídia que se ocupa do mercado do “bem-estar”. Trabalhando no sentido de promover uma mediação entre o grande público e as inovações tecnológicas e últimos lançamentos do mercado médico, nutricional e farmacêutico.

Se pensarmos em termos de mercado, estamos falando dos setores da grande mídia, que colaboram com a vasta indústria do comercializável “bem estar social”, e neste caso específico, os órgãos que atuam em parceria com o setor produtivo responsável por alimentos e bebidas em geral. Este mercado representa interesses corporativos transnacionais de escala global, que em última análise, financiam a publicação em questão por meio da publicidade.

Basta uma visita rápida à banca de revistas, para que saltem aos olhos inúmeras publicações cuja temática é o alimento. Desde títulos focados num alimento específico e uma espécie de dossiê listando os benefícios do alimento nos seus variados usos, passando por títulos que se colocam na linha da ‘gourmetização’ da comida cotidiana, até publicações que põe em relevo as dietas mágicas de celebridades e as vantagens sociais dos que praticam os corpos da moda. Tendências que, na prática, se mesclam nos textos da mídia que trata dos alimentos. Entre as

vantagens do bem comer e do corpo adequado citam sempre, sem exceção, o bem maior, a saúde. Os modos alimentares na atualidade se abrem ao julgamento de valor constante, o que se observa através da análise panorâmica da mídia que trata do assunto.

O interesse é compreender através de um olhar sobre a mídia, a atribuição de valor simbólico à comida na vida cotidiana. Este estudo surge da observação de que, atualmente, há uma forte influência do discurso médico e nutricional sobre as práticas alimentares.

Inicialmente delimitamos um ano da publicação como *corpus* do estudo, abordando o período entre janeiro e dezembro de 2014. Neste universo de doze exemplares, desenvolvemos um dispositivo de leitura baseado nas técnicas de Análise de Discurso (ORLANDI, 2013). Partimos da sistematização das seções e colunas da revista, que utilizam formatos, linguagem e estratégias discursivas próprias. Mais tarde, outras edições foram adicionadas ao objeto, como o exemplar de maio de 2015 que, pela pertinência dos assuntos exibidos na capa, despertaram desejo de análise tendo em vista os objetivos da pesquisa.

Porém, diante das recomendações da banca por ocasião do exame de qualificação do projeto de pesquisa a delimitação inicial foi repensada e, tendo em vista a operacionalidade da pesquisa, optou-se, então, por ampliar esse *corpus* tomando como critério de inclusão a publicação digitalizada da revista. A plataforma digital “Iba clube” da Abril mídia S.A disponibiliza todas as publicações da revista “Saúde”, desde setembro de 2013. Toda nova edição mensal atualmente é lançada concomitantemente em todas as suas plataformas. Associamo-nos ao “Iba clube” como assinante da revista “Saúde”, e observamos as publicações disponíveis neste espaço, o que significa que tivemos acesso a revistas publicadas entre setembro de 2013 e maio de 2016. Compondo o *corpus* definitivo do estudo com um total de 36 revistas.

No presente trabalho faremos uma análise da produção de sentidos através dos discursos sobre a comida, presentes nos textos da revista “Saúde”. A revista apresenta matérias com formatos, estilos de construção da narrativa que nos remetem a discursos que circulam no campo da Alimentação Nutrição e Saúde (ANS). Procuramos identificar as estratégias discursivas para pensar a ideologia que as sustentam.

O trabalho se dividiu em três capítulos. No primeiro fizemos a apresentação do objeto de estudo, traçando o perfil da revista “Saúde”, apresentando textos demonstrativos do estilo da publicação e expondo, de início, algumas imagens que consideramos icônicas. Construímos uma tabela expondo a funcionalidade de cada alimento que teve lugar nas capas da revista através do tempo em que seguimos a publicação. Buscamos neste capítulo uma composição do cenário em que o trabalho se enquadra, abordando o papel da mídia alimentar, o lugar simbólico da ciência na sociedade e as relações do consumo com a saúde na atualidade, assim como explicitamos um pouco o que representa a Abril mídia S.A. no contexto do mercado editorial de revistas no Brasil.

No segundo capítulo teremos um desenvolvimento de caráter teórico onde vamos expor os conceitos que fundamentam o estudo, e que, portanto, orientaram a busca discursiva nos textos que compõe o *corpus*. Nesse capítulo discutiremos o papel central do discurso biomédico no campo da saúde, bem como o conceito de medicalização, em seguida apresentamos os procedimentos metodológicos e o dispositivo de análise proposto.

O terceiro capítulo trata da articulação entre os autores estudados e o objeto de pesquisa. Observamos a revista à luz do quadro teórico conceitual exposto no capítulo anterior. Ainda abordamos a medicalização da comida nas páginas da revista pensando como essa ideologia é sustentada com o intuito de que se compreenda a formação discursiva presente nas entrelinhas da revista “Saúde”.

1 MÍDIA, CIÊNCIA E SAÚDE

O enquadramento da mídia como objeto deste estudo, se dá por suposição de que esta se configura como espécie de repositório de variados discursos que repercutem na sociedade atual. Logo, acreditamos que neste nicho do mercado editorial voltado para os cuidados com a saúde, entre os quais se encontra a mídia dos alimentos, há certos estilos discursivos recorrentes que compõem a retórica da exacerbação do cuidado com a saúde e da comercialização de um ideal de saúde perfeita (SFEZ,1996).

É pertinente que deixemos claro, que a mídia será aqui abordada a partir da psicologia social através da análise de discurso, uma vez que ela se ocupa das chamadas práticas discursivas. Se olharmos para os determinantes sociais da alimentação, observaremos que os modos alimentares estão imbricados às questões culturais. Por isso tomamos como pressuposto a observação de Mary Jane Spink que diz:

(...) que a mídia tem um papel fundamental na circulação de repertórios utilizados para a produção de sentidos no cotidiano de nossas vidas, por ser onipresente no mundo contemporâneo e por conferir uma visibilidade sem precedente aos acontecimentos (incluindo aí as novas informações e descobertas) que leva a uma reconfiguração das fronteiras entre o espaço público e privado e produz novas formas de comunicação e interação. (SPINK, 2008, p.2)

É possível a interpretação de aspectos simbólicos, socialmente construídos, através da análise discursiva do conteúdo que circula nos meios de comunicação social que uma determinada sociedade ostenta. Nesse caso enfocaremos os sentidos associados á alimentação.

As mídias presentes no segmento se colocam como especialistas no setor e através da repetição de conceitos difundem discursos que aderem ao público desfilando suas “verdades” hegemônicas sobre a saúde e a alimentação. Para isso sempre se valem de um jargão científico. Essa disputa simbólica (Bourdieu,1989) acontece e se atualiza na vida das pessoas. Vamos aqui, falar de revistas, mas se buscássemos outros veículos perceberíamos que os discursos que abordam a saúde perfeita articulada aos cuidados com o corpo, circulam por diversas plataformas diferentes, o que se faz notar pelos anunciantes publicitários, que são os mesmos na

revista, no conteúdo de web para celulares, na TV, nos jornais ou nos rádios, ou, no mínimo, pertence ao mesmo setor (alimentício, farmacêutico, cosmético, moda estes são os anunciantes publicitários da revista “Saúde”). O segmento é transmídia, pois “conta as suas histórias”, ou melhor, vende os seus produtos utilizando mais de um formato e podemos perceber que além de gerar o conteúdo visual impresso nas revistas, produz também um material áudio visual (que une designer e cinema) e é veiculado nas plataformas digitais, é ainda multiplataforma, pois está disponível nas versões digitais para celulares, *tablets*, e *PC* e também numa versão impressa no formato revista como veremos a seguir. O conteúdo é aderente na medida em que foi gerado de acordo com o conhecimento do estilo de vida compartilhado pelo público alvo.

Observamos que a “... reconfiguração das fronteiras entre o espaço público e privado” a que Spink se refere não se dá sem conflitos. Os corpos se tornam na prática hospedeiros destes discursos, ou melhor, novas formas de comunicação e interação produzem reorganizações na dinâmica: espaço público X espaço privado de ocupação simbólica dos corpos. Mergulhando no universo alimentar entre os objetos de desejo do voraz discurso da “saúde perfeita”. De certa maneira há uma redução das práticas alimentares á práticas corporais. Onde a comida é também sempre tematizada em função da sua ação direta sobre o corpo e se alimenta.

De fato, observamos através de uma abordagem discursiva da mídia, indicativos de “novas formas de comunicação e interação” em relação a aspectos alimentares e nutricionais no âmbito coletivo. O que por sua vez produzem novas práticas alimentares e por consequência outros modos de comensalidade.

Ao observar as bancas de revistas das grandes cidades brasileiras podemos notar a grande segmentação deste mercado editorial, que se mostra cada vez mais especializado. Frente à grande diversidade de títulos e formatos que são expostos na banca de revistas, temos um verdadeiro painel de títulos que se ocupam estritamente de assuntos relativos à saúde, a alimentação e á forma física, ou os três aspectos materializados em uma só publicação como no caso da revista “Saúde”.

Mas esse sem número de publicações especializadas em temáticas variadas, porém muito específicas, é uma característica relativamente recente no cenário editorial brasileiro de revistas. Há muito tempo já temos revistas especializadas, mas, segundo Maria Celeste Mira (2001), nas décadas de trinta, quarenta, cinquenta e sessenta do século XX as publicações de interesse geral alcançavam um público

incomparavelmente superior, e títulos dessa natureza predominavam no mercado. A predileção de grande parte dos leitores desta época era por o *Cruzeiro*, considerada, então como a “A revista da família brasileira”.

O *Cruzeiro* trazia um pouco de tudo, e se dirigia a todos, homens e mulheres, jovens, ou não, longe da preocupação, hoje obrigatória de descobrir as preferências de cada um, seus gostos, expectativas ou estilos de vida. Era a revista da família brasileira. Tanto é verdade que em 1950, o IBOPE realiza uma pesquisa sobre a família leitora de “*O Cruzeiro*”, através da qual ficamos sabendo que o padrão médio era constituído por pouco mais de cinco pessoas: homens mulheres, crianças menores de dez anos, crianças com mais de dez anos e “creados”. Cada exemplar encontrava os mais diversos tipos de leitores dentro da mesma casa, percorrendo, como se vê diferentes sexos, idades e classes sociais. (MIRA, 2001, p. 13)

A autora contextualiza o dado situando a época em que estavam sendo organizados os rudimentos da indústria cultural brasileira, pois os setores da produção cultural sofriam transformações, visando à ampliação de sua produção, à evolução técnica, à profissionalização e à racionalização do processo. Nesse sentido, a revista “*O Cruzeiro*” viveu essa transição das revistas criadas no início do séc. XX quando jornalismo e literatura se confundiam, e aquelas que seriam produzidas a partir dos anos 60, segundo nos moldes da indústria cultural.

Publicações ao estilo de “*O Cruzeiro*” tem sua origem na estética dos “magazines ilustrados ou revista de variedades do séc. XIX, de inspiração europeia, sobretudo francesa” (MIRA, 2001, p.14). Segundo a autora as revistas da primeira metade do século XX tinham como programa “defender os costumes, as virtudes morais e sociais” (MIRA, 2001, p.14), publicando, entre outras coisas, anedotas e extratos de romances, “conselhos domésticos” e instrução militar, política e de ciências. Se observarmos a revista “*Saúde*”, veremos traços simbólicos destas dinâmicas atualizadas em seu estilo, tudo adequado às virtudes morais e sociais e aos bons costumes de hoje em dia.

Segundo o trabalho de Maria Celeste Mira, que podemos dizer se tratar de uma produção fundamental sobre o universo das publicações de revistas no Brasil, “As revistas que marcaram a primeira metade do século cederão seu lugar a publicações mais especializadas, dentre as quais a primeira a se destacar será a imprensa feminina.”

Se a realidade é socialmente construída, quais os atores sociais implicados na construção de “significados alimentares”? Observa-se que de alguma maneira, a

profusão de “polêmicas alimentares”, tais como as que atualmente são construídas em torno de alimentos como o ovo; o café; ou os açúcares, atendem a interesses de mercado, que podem ser no nível da produção, da comercialização, ou da pesquisa tecnológica voltada para alimentos. Até que ponto a ciência dos alimentos é imune às influências do mercado sobre o que é desejável conhecer e pesquisar, configurando um verdadeiro “assédio do capital”. Não acreditamos numa produção científica neutra e apolítica ou alheia à conjuntura macroeconômica.

Neste primeiro capítulo serão expostas algumas matérias da revista “Saúde”, com a intenção de traçar o perfil da revista, e ilustrar os significados atribuídos à comida no universo da publicação. Antes de abordar a revista em si, se faz necessário, observar o contexto editorial em que a publicação se insere. Já que o contexto pode nos trazer elementos muito preciosos para a análise.

A Abril mídia S/A representa a maior potência editorial no mercado brasileiro de publicações. Numa busca por “editora Abril”, no site do grupo Abril temos acesso ao que representa essa força, mediante o discurso da própria organização ao apresentar a sua “Visão”: Ser a companhia líder em multimídia integrada, atendendo aos segmentos mais rentáveis e de maior crescimento dos mercados de comunicação e educação. Os seus “Valores”: “*Excelência, integridade, pioneirismo e valorização das pessoas*”. E os seus “Princípios”: “*Competitividade, foco no cliente, rentabilidade e trabalho em equipe*”. Estes valores e princípios que orientam a empresa na sua área de atuação são descritos em seguida:

A Abril Mídia é o braço de comunicação do Grupo Abril. Abaixo de sua estrutura está a Editora Abril, maior editora de revistas do Brasil, com quase 40 títulos que atinge cerca de 23 milhões de leitores; a Abril Gráfica, maior gráfica de revistas da América Latina; e o Casa Cor, segundo maior evento de arquitetura e decoração do mundo. Além dessas empresas, a Abril Mídia também possui uma grande operação de assinaturas e Negócios Digitais, que reúne os sites, portais editoriais e aplicativos da Abril. (ABRIL, 2015).

No trecho a seguir observa-se que a expansão do mercado editorial no Brasil, segundo o campo de atuação da Abril, passa por um conceito de mídia em “múltiplas plataformas” o que gera uma presença massiva de seus conteúdos no cotidiano de grande parte da população brasileira.

Desde a sua criação, em 1950, o Grupo Abril sempre se caracterizou por ser um grande produtor de conteúdo. Hoje, com mais de 60 anos de história, a empresa busca disseminar esse conteúdo em diversas plataformas. Além de suas tradicionais revistas, a Abril está presente na vida de milhões de brasileiros que acessam seu conteúdo por meio de *tablets*, smartphones,

mídia “out of home” e uma centena de sites que atingem diversos segmentos de público (ABRIL, 2015).

O ano de 2015 marca sessenta e cinco anos de existência do grupo Abril, que iniciou os seus trabalhos editoriais nos anos 50 lançando o primeiro exemplar da revista do “Pato Donald” no Brasil. Precisamente no meio dessa trajetória, há trinta e dois anos atrás, a Abril editora faz o lançamento do título que nos propomos a estudar, a revista “Saúde”. Naquela época a revista ingressou no mercado voltada para o segmento de saúde na “terceira idade” ou publicando matérias sobre a “Maturidade”. Apesar de ter o mesmo nome e ser da mesma empresa, a revista era outra e surgia num Brasil que também vivia outro momento político e econômico. A revista, portanto, está há mais de três décadas no mercado e é um importante veículo de produção de sentidos e discursos sobre o corpo, a saúde e as formas de lidar com a alimentação.

1.1 A segmentação do mercado e o surgimento da revista “Saúde” no cenário editorial brasileiro

As mudanças no mercado editorial que são observadas por meio da revista estudada são indicativos da segmentação da cultura no séc. XX. Segundo Maria Celeste Mira (2001), o processo de segmentação da mídia se acelera de maneira geral a partir de meados dos anos 80. No rádio observa-se o aparecimento de emissoras praticamente especializadas em um gênero musical que mantenha estreita relação com um público específico. Na TV a segmentação que já existia é aprofundada na década de 90 por meio da introdução de canais pagos voltados a realizar tipo de emissão que captasse públicos específicos. Nos jornais essa dinâmica se mostra no surgimento de mais cadernos especializados, tais como aqueles votados para esportes, entretenimento, saúde, interesses femininos, etc.

No meio revista, que já é segmentado por definição, esse processo é observado de maneira mais intensa. Surgem várias editoras de pequeno porte, entre estas a editora Azul que começa a atuar no mercado em 1986 e é extinta no final da década de 90.

Tendo como sócio majoritário a Editora Abril, com 52% de participação e Ângelo Rossi (filho do primeiro sócio de Victor Civita, Giordano Rossi), A Azul tinha a medida certa para atuar segundo a lógica diferenciada das revistas segmentadas: menor tiragem (em torno de 100 mil exemplares), públicos específicos oferecidos a anunciantes também específicos, mercado mais instável. O público dessas revistas costuma ser mais fiel, mas uma determinada demanda pode durar pouco, tem de ser atendida rapidamente e pode desaparecer com a mesma rapidez com que emergiu. (MIRA, 2001 p. 25)

Segundo Mira, a criação dessa editora Azul representou uma tentativa de reorganização industrial característica do novo modo de regulação do capital, à qual denomina “acumulação flexível”. Para sustentar esse entendimento do mercado editorial, a autora se vale da leitura de “Condição pós-moderna”, de David Harvey e descreve um cenário econômico marcado pela crise do petróleo, de 1973 em que o

capitalismo mundial entraria numa nova fase desencadeada pela crise do fordismo, ocasionando transformações nos processos e no mercado de trabalho, bem como nos produtos e nos padrões de consumo. Os anos de crise ensejariam inovações tecnológicas, financeiras, organizacionais e mercadológicas, todas direcionadas à flexibilização. Ao contrário da grande pesada e lenta estrutura de produção fordista, baseada na produção em larga escala e no consumo de massa, as empresas flexibilizadas produzindo em menor escala seriam capazes de atender rapidamente a demandas específicas produzindo respostas especializadas. (MIRA, 2001, p. 27)

De acordo com os seus empresários, a flexibilização seria a melhor maneira de se capacitar para descobrir rapidamente mais nichos de mercado, relacionando-se com a segmentação nesse ponto em que passa a captar novos desejos de públicos específicos. A revista “Saúde” surge para o mercado a partir de um número especial da revista feminina “Nova/Cosmopolitan”, e, por conta de grande sucesso, acaba ganhando identidade própria, se consolidando no mercado e se tornando uma das publicações mais longevas do segmento.

Essa ligação entre as revistas não surpreende, pois em ambos universos editoriais o corpo ocupa um lugar simbólico muito próximo. Uma escritora americana que trabalhou na revista Cosmopolitan lançada nos EUA, Helen Radner, descreve que:

A leitora da revista é encorajada a reinterpretar a forma física como um sinal de autoestima feminina, uma marca de autocontrole e autonomia mais do que de submissão ao olhar masculino...para a mulher contemporânea, o valor próprio realmente reside no corpo. O corpo torna se, nesse sentido, um terreno de contestação, atacado de dentro e de fora, o lugar em que tanto a vitória como o fracasso são negociados. (MIRA, 2001, p.285)

A revista “Saúde”, através do site da própria editora, fornece material de divulgação de suas publicações, o que para os analistas do discurso, pode ser tomado como leitura complementar que ajuda o entendimento do contexto editorial. Como observamos:

A Saúde nas Palavras da Saúde: Cuidar da saúde deixou de ser uma preocupação para ser assunto de interesse de todos. Hoje, está associado a ter alimentação saudável, praticar esportes, conciliar trabalho e lazer, planejar o futuro, enfim, prezar pelo equilíbrio mental e emocional. É com esta mudança de consciência que a SAÚDE publica informações técnicas em uma linguagem acessível, que promova hábitos e atitudes saudáveis para uma melhor qualidade de vida. (ABRIL, 2015)

A revista “Saúde” tem início em primeiro de outubro de 1983, esse dado encontra-se na página da “rede social” da revista, e precede a seguinte descrição curta: “Bem-vindo à página da revista “Saúde”, a maior e melhor revista de medicina, nutrição e bem-estar do Brasil”.

Trinta e dois anos de existência não é pouco tempo de vida num mercado sujeito a oscilações de várias espécies. Segundo o estudo “Projeção Brasil de Leitores consolidado 2013”, publicado no Instituto Verificador de Circulação (IVC) a revista é classificada como “Premium”, com preço de capa acima de R\$ 10, uma tiragem de 278.417 e Total de Leitores de 832.656. (Publiabril, 2014). Portanto, trata-se de publicação que conta com uma grande circulação. O Site “Publiabril” fornece no seu portal o perfil dos Leitores, de suas revistas, e no caso da “Saúde” os gráficos mostram que 77% dos Leitores são do sexo Feminino, tanto que a revista conta com uma versão digital, disponível em aplicativos para *tablets* e celular, e que se encontra hospedada no portal “M de Mulher” (“O Maior Portal Feminino da América Latina”).

A revista também tem como característica o discurso da autoajuda que é recorrente nas revistas da Editora Abril. No estudo intitulado *Manuais modernos de autoajuda: uma análise antropológica sobre a noção de pessoa e suas perturbações* a autora conceitua a expressão autoajuda como:

livros que se dispõem a oferecer um conjunto minucioso de receitas e exercícios por meio do qual, garante-se, qualquer um pode ‘tornar-se outra pessoa’, curar seus males físicos e mentais”, alcançar sucesso no trabalho e na vida afetiva e encontrar o caminho da felicidade. (SALEM,1992, p.1)

Tania Salem (1992) observa ainda que a literatura expressa uma lógica cultural que em muito a ultrapassa. Acreditamos que o mesmo se aplica a um segmento do

mercado de revistas, que não se trata especificamente de uma literatura, mas por se configurar como um segmento produz um estilo próprio, que se direciona para o estilo de vida dos consumidores em potencial. Esta é uma das dinâmicas que abastece a cultura da segmentação do mercado editorial brasileiro ao longo dos tempos.

1.2 A importância da comida para a revista “Saúde”

A capa da revista “Saúde” atualmente, salvo pouquíssimas edições, é composta basicamente por uma foto de um alimento impresso em cores vibrantes em tamanho grande e disposição central. Projetado sobre um fundo claro, a logomarca com o nome da revista, sempre apresenta uma cor que se relaciona com a coloração do alimento em destaque na reportagem da capa.

Só de fitar a capa é possível que o leitor já se depare com alguma sentença que assuma o estatuto de regra alimentar, algo do tipo: “Mais fruta e menos suco” ou “5 vegetais por dia” (essa porção reduz em 25% a chance de você ter qualquer doença). É possível também que o leitor saiba mais sobre uma inovação científica como: “A Nova dieta anticâncer” ou ainda a associação de um alimento a uma parte do corpo ou uma função desejada, como em “Aprenda a comer queijo pelo bem do coração” ou “Frutas vermelhas para a cabeça”. Aliás, a discursividade sobre a alimentação funcional é a tônica de seu vocabulário, bem como a ideia de que cada dieta dispõe de uma meta corporal para o seu praticante.

A questão do risco também vem sendo retratada nas capas da revista “Saúde” analisadas. Além da ilustração na capa do magazine e da manchete da reportagem da capa, escrita em fontes de letras grandes tem mais cinco chamadas menores, justapostas, costumeiramente na parte inferior da capa. Esses textos são curtos, bem diretos e geralmente repercutem sobre práticas alimentares ou práticas de boa saúde, uma novidade farmacológica, um hábito “perigoso” uma “ameaça” que o leitor ainda não havia se dado conta, uma equação de desempenho do tipo: “Respire bem e raciocine direito!” ou, quem sabe, de reabilitação como: “Infartou? Coma fibras!”. Tudo muito simples e rápido adequado à tônica “utilitarista” pela qual clama o consumismo dos dias atuais.

Ilustração 1- Fibras afastam 9 problemas sérios.

SAÚDE É VITAL

Abri

REVISTASAUDE.COM.BR

COMER DE 3 EM 3 HORAS É BOBAGEM?
Há quem diga que sim

RONCAR É COISA SÉRIA
Afeta a cabeça, o coração e até os dentes

OLHO SECO
Esse mal aflige milhões de brasileiros. Mas tem solução

BIKE NA CIDADE
Por que os ganhos superam os riscos

Mamão com aveia é um combo campeão em fibras

FIBRAS
contra pressão alta, diabete, câncer...

Elas fazem muito mais do que regular o intestino. Na dose certa, afastam **9 problemas sérios**. Saiba como atingir a meta de consumo. **Mas atenção:** nem todo produto integral é uma boa fonte

Ilustração 2- Adotar já!

SAÚDE É VITAL

Abri

SAUDE.ABRIL.COM.BR

MOLHO ANTICÂNCER
Como tornar o tomate um forte aliado contra tumores

PERDA DE MEMÓRIA, IMPOTÊNCIA...
Cuide das artérias e evite problemas que você nem imagina

Adote já 1 xícara de CEREAL MATINAL

Isso faz uma diferença gritante para baixar o colesterol, controlar o peso e até turbinar o raciocínio
Descubra: entre tantos tipos, qual o ideal para sua meta?

EXAMES SIMPLES QUE NINGUÉM FAZ
Pena. Eles previnem encrascas sérias

CHÁ-VERDE PARA O DIABETE
Ele dá provas de que controla o açúcar

QUEIMAÇÃO NO ESTÔMAGO
Saiba quando ela preocupa pra valer

Ilustração 3- Estudo gigantesco revela.

SAÚDE ÉVITAL

SAUDE.ABRIL.COM.BR

O programa de exercícios que combate o câncer de mama

MACONHA MEDICINAL
Por que tanta gente séria defende essa causa

6 AMEAÇAS AOS OSSOS
Você nem desconfia delas. De asma a problemas no intestino

Os remédios para diabetes que também domam o peso e a pressão

INFARTOU? COMA FIBRAS
Elas podem evitar um novo ataque por longos 9 anos

AMÊNDOAS EMAGRECEM
Um punhado por dia faz até mais: controla a glicemia

FRUTAS VERMELHAS na cabeça

Estudo gigantesco revela que uma porção semanal freia o envelhecimento do cérebro e preserva a memória

Ilustração 4 – Mais isso, menos aquilo.

SAÚDE ÉVITAL

Nozes e afins: um punhado por dia para viver mais

Há uma epidemia de cansaço por aí. Como vencê-la?

MAIS FRUTA e menos suco

A sacada do verão para quem quer afastar o diabetes e aquela fome incontrolável.
Mas fique de olho: o ranking das frutas que disparam o açúcar no sangue

O suco deste abacaxi eleva a glicemia bem mais rápido do que uma fatia de fruta

SEU COLESTEROL NUNCA BAIXA?!
A gente explica o que pode ser isso

POR QUE É TÃO DIFÍCIL ACABAR COM MICOSES
Quem são os fungos e o que fazem no corpo

O QUE SUA VOZ DIZ SOBRE VOCÊ
Ela pode entregar problemas sérios

Ilustração 5- Comida contra o câncer.

SAÚDE É VITAL
30 anos

Abri
EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO

TUDO MUDOU NO COLESTEROL
As taxas ideais ficam bem mais rígidas. Como alcançá-las?

NÃO HÁ MAIS HORÁRIO SEGURO SOB O SOL
Essa e outras revelações para salvar a pele

FEIJÃO CONTRA O CÂNCER...
...o diabetes e os problemas cardíacos. A receita é comer todo dia. Mas há alguns segredos

TEM MUITO SÓDIO NA COMIDA LIGHT
E nos produtos diet também. Olho vivo!

7 BOAS SOLUÇÕES CONTRA O RONCO
De novos aparelhos até aulas de canto

A DIETA QUE EVITA A DEPRESSÃO
Cientistas explicam por que ela funciona

Ilustração 6- Comida para o coração.

SAÚDE É VITAL

Abri
SAUDE.ABRIL.COM.BR

ABACATE para o coração

Catarata, miopia, olho seco... Boas novas para enxergar mais

Alongar na hora de malhar provoca lesões. E agora?

Pesquisas provam que ele é excelente para baixar o colesterol. **Esqueça o mito: não pesa na balança!**

7 DELÍCIAS QUE AFIAM A MEMÓRIA
Chocolate quente é uma delas. Veja outras

INSULINA MUITO ALÉM DO DIABETE
Ela protege o cérebro, os músculos e o peito

TESTE DE HIV: NINGUÉM FAZ
Nem os médicos pedem. Por quê?

Ilustração 7- Alimento que blinda o corpo.



SAÚDE
É VITAL

REVISTA SAUDE.COM.BR

O IOGURTE PERFEITO PARA VOCÊ
Há um tipo para cada necessidade

11 causas de queda de cabelo — de diabete a problema na tireoide

PERIGO NO ADOCANTE
Estudo acusa um deles de ser tóxico. Qual a saída?

Nova razão para cuidar dos dentes: **preserva até a memória**

Laranja, gengibre, alho... Conheça os ingredientes que afastam vírus e bactérias

CORPO BLINDADO CONTRA A GRIPE

Os alimentos, os exercícios físicos e as outras armas certas para **umentar a imunidade e barrar as doenças da estação** — muito além da vacina

Abrial

Ilustração 8- Comida para afinar a cintura.



SAÚDE
É VITAL

SAUDE.ABRIL.COM.BR

O ACAÍ E O CÂNCER
Surtem as provas de que ele afasta tumores

DORMIR SEM CALCINHA
A polêmica recomendação para a higiene íntima

IOGURTE AFINA A CINTURA

Ele fornece mais cálcio e proteína do que o leite e pode ser consumido por quem tem intolerância à lactose.
E não precisa ser light para evitar quilos extras!

MEXA SUAS MÃOS E BAIXE A PRESSÃO
O exercício que está dando o que falar

PERIGO NA PROGRESSIVA
Entenda de vez a ameaça do formol

TRISTEZA PODE PROVOCAR INFARTO
Ela chega a ser pior do que o estresse

De 2013 até 2016 alguns alimentos figuraram na capa da revista saúde e sua respectiva funcionalidade de acordo com a publicação:

Setembro de 2013	Cereal Matinal	Colesterol, controle de peso, turbina o raciocínio.
Outubro de 2013	Feijão	Câncer
Novembro de 2013	Abacate	Coração
Dezembro de 2013	logurte	Afina a cintura
Janeiro de 2014	Abacaxi	O suco eleva a glicemia muito mais rápido que a fatia da fruta
Maio de 2014	Sardinha	Turbina a saúde
Junho de 2014	Frutas Vermelhas	Freia o envelhecimento do cérebro
Julho de 2014	Brócolis	Ativa genes que suprimem tumores
Setembro de 2014	Manteiga e Açúcar	Não é tão ruim assim açúcar perigo
Outubro de 2014	Cinco vegetais	Reduzem a chance de ter doença
Dezembro de 2014	Queijo	Controla peso pressão e colesterol
Dezembro de 2014	Mel	Protege contra doenças
Abril de 2015	Alho	Colesterol pressão e câncer
Março de 2015	Açaí	Colesterol
Junho de 2015	Suco de Uva	Emagrece
Maio de 2015	Ovo	Memória, coração
Julho de 2015	Café	Câncer
Setembro de 2015	Pão de forma	- 1fatia protege o coração
Dezembro de 2015	logurte com frutas e cereais	Alimente seus ossos
Fevereiro de 2016	Macarrão	Dieta com ou sem Glúten
Abril de 2016	Mamão com aveia (fibras)	Contra pressão alta diabetes e Câncer
Maio de 2016	Laranja, alho e gengibre	Corpo blindado contra gripe

1.3 As seções da saúde

É interessante perceber que a segmentação do mercado não se dá apenas na esfera macro editorial, ela também segue segmentando o próprio universo da “Saúde”, sustentando a sua seção interna. Vale lembrar que toda seção, se tiver sucesso, tem a potência de ganhar vida própria e se transmutar em uma nova publicação, como observamos anteriormente por ocasião da criação da própria revista “Saúde” que surgiu para o mercado editorial brasileiro como uma edição especial da revista “Nova/Cosmopolitan”.

A divisão interna da revista está no portal “Publiabril”, explicitada mediante uma descrição sintética de cada seção. A seguir temos a cópia dessa descrição curta estampada no site, e em seguida um exemplo de matéria, tirado da seção da revista. Embora atualmente os nomes das seções sejam outros, em essência os assuntos continuam os mesmos.

A seção sobre *MEDICINA* que, antes era nomeada de *AVANÇOS*; traz-nos uma pequena descrição: “*Notas sobre os estudos mais recentes da medicina de ponta*”. Ao longo da observação dessa seção nos deparamos com matérias voltadas basicamente para divulgação de pesquisas recentes e de inovações tecnológicas voltadas para o mercado biomédico. Um exemplo de pesquisa recente, figura na seção, apresentada na edição de maio de 2015 e estampa a seguinte manchete:

Essas matérias aqui reproduzidas fazem pensar sobre o caráter fantástico do processo saúde/doença para o imaginário presente na publicação, que utiliza um discurso científico e tecnológico. Ao analisar essa seção de forma sequenciada nota-se que o setor público da saúde não é levado em conta. A saúde descrita nessas páginas diz respeito aos indivíduos e aos custos que se tem para desfrutar de uma saúde segura. Não se fala da relação médico-paciente, fala-se de alta tecnologia diagnóstica e de inovações medicamentosas basicamente.

Ilustração 9-Poção poderosa e remédio do Faraó.

MEDICINA | POR ANDRÉ BIERNATH

POÇÃO VIKING EXTERMINA AS BACTÉRIAS

Cientistas ingleses testam uma receita escrita há um milênio para tratar infecções. E nem eles esperavam ação tão poderosa

Esmague uma porção de alho e cebola num pilão e misture com um tipo de vinho inglês. Acrescente bile de estômago de vaca. Deixe descansar por nove dias. Depois, aplique no local da ferida. Está com nojo? Pois foram essas as instruções que estudiosos da Universidade de Nottingham, no Reino Unido, encontraram num manuscrito viking de mil anos. Curiosos, eles resolveram verificar se a poção funcionava mesmo ou era crença dos povos nórdicos. “Quando vimos os resultados, ficamos muito surpresos”, relata Christina Lee, uma das líderes da investigação. Nos estudos com células e cobaias, a fórmula matou mais de 90% das bactérias resistentes a antibióticos modernos. A expectativa é tentar criar um remédio a partir da mistura nos próximos anos.



Remédio do faraó trata corações doentes

Descobrir drogas do passado parece ser mesmo tendência: médicos do Hospital Maria Vittoria, na Itália, botaram à prova a colchicina, o veneno de uma flor, para tratar a pericardite, uma inflamação na membrana que recobre o coração. Ele era utilizado no Egito antigo para tratar a gota, inflamação nas juntas causada pelo excesso

de ácido úrico no corpo. “O fármaco se mostrou promissor ao coração, sobretudo se o paciente não responde ao tratamento-padrão”, resume o cardiologista Massimo Imazio, que assina o estudo. Nos voluntários que tomaram os comprimidos de colchicina, houve uma redução nas dores e nas visitas ao hospital.

Essas duas reportagens representam bem, o que no imaginário presente na revista são apresentados como pesquisas recentes sobre medicina, criando uma fantasia de atualidade dos estudos e pegando uma carona na credibilidade da ciência.

Quando o assunto é inovação para o mercado biomédico temos, por exemplo, a reportagem da seção em agosto de 2014 que traz a seguinte manchete:

Ilustração 10- hospital entretenimento.

medicina por André Bernath e Diogo Sponchiato

Em breve num hospital perto de você

A cidade de São Paulo foi sede da Feira Hospitalar, o maior evento do setor de produtos, equipamentos, serviços e tecnologias médicas da América Latina. SAÚDE foi conferir os principais lançamentos que prometem mudar a forma como algumas doenças são diagnosticadas e tratadas



ASMA SEM CRISE
O OptiChamber Diamond, da Philips, é um dispositivo que pode ser acoplado às bombinhas utilizadas para sanar os ataques de asma. Ele permite um aproveitamento melhor do medicamento, que vai direto para as vias respiratórias.



FÍSIO DIVERTIDA
O Jintronix utiliza a tecnologia que capta os movimentos do jogador no videogame para auxiliar na reabilitação de indivíduos com problemas motores ou ortopédicos. A aposta é que sua interatividade aumente a adesão à fisioterapia.



VIGIA DO CORAÇÃO
O aplicativo para smartphones e tablets MediBeat, que teve seu lançamento mundial na Hospitalar, vai monitorar os parâmetros cardiovasculares dos pacientes em tempo real. Se houver alterações, o médico é avisado na hora.



FACE LIVRE
As máscaras respiratórias para apneia do sono ou aparelhos de oxigenação contínua ficaram mais leves e confortáveis. A Philips, por exemplo, desenvolveu um modelo em gel de mínimo contato, que é preso apenas nas narinas.



SOCORRO PORTÁTIL
A Inomed criou o X Series, um desfibrilador com metade do tamanho e do peso dos modelos convencionais. O dispositivo possui sinal de internet e faz o acompanhamento do paciente depois de emitir o choque no peito.



MULHER EM FOCO
Para o aparelho de ultrassom Acuson X700, a Siemens projetou um transdutor vaginal 20% mais fino, 25% mais leve e uma câmera com ângulo de visão ampliado. Tudo para minimizar o desconforto dos exames ginecológicos.



DIGA XIS
A endoscopia será aposentada? Os exames que avaliam problemas gastrointestinais já podem ser feitos pela PiBCam, uma pílula com uma câmera acoplada. Ela faz entre 60 mil e 70 mil imagens do estômago e do intestino delgado.



PARA NÃO SENTIR
Uma agulha finíssima, da empresa BD, tem cinco facetas na ponta, o que facilita a aplicação de insulina e outros remédios utilizados para tratar o diabetes. A injeção precisa de 23% menos força para entrar na pele.

CONTATO: ANDRÉ BERNATH, ESPECIALISTA EM ENFERMAGEM, E DIAGO SPOCHIATO, ESPECIALISTA EM FISIOTERAPIA, FORAM OS AUTORES DA ILUSTRAÇÃO. AS IMAGENS SÃO DE: PHILIPS, JINTRONIX, MEDI-BEAT, PHILIPS, INOMED, SIEMENS, PIBCAM, BD.

Essa matéria é sobre oito produtos que vão de dispositivos para melhorar a absorção de medicamentos para usuários de bombas de asma a um equipamento que promete aposentar a endoscopia, o que seria obra da ‘PILLCAM’ uma pílula com uma câmera acoplada. O discurso se molda àqueles dos lançamentos cinematográficos de *hollywood*. “em breve no hospital mais perto de você”. Esses exemplos dão a tônica da seção medicina.

Na seção **BALANÇA**, “*As últimas da ciência sobre dieta e emagrecimento*”. Esta seção se caracteriza por uma matéria curta, sobre obesidade, e por uma coluna, assinada pelo especialista (endocrinologista, Autor de livro de dieta editado pela Abril

à venda no site). Esta seção é fundamental para entender a construção simbólica sobre a comida, no universo da revista “Saúde”.

Observemos a matéria da seção Balança de setembro de 2014: Esta seção é emblemática, pois na guerra com a balança a publicação sempre se coloca como um catálogo de ofertas de produtos que auxiliam os que pretendem vencer essa batalha. Atualmente a seção saiu do quadro da revista, porém os produtos antes anunciados nesta parte foram distribuídos ao longo da publicação, ocupando principalmente a seção seguinte denominada “Nutrição”.

Um dos produtos “carro chefe” desta seção que se chamou Balança era a comercialização de uma publicação editada pela Editora Abril, escrita pelo médico que assinava a seção (Dr. Alfredo Halpern) intitulada *A nova dieta dos pontos*, além de produtos voltados prioritariamente para o mercado do emagrecimento, como suplementos, chás, saches, “pozinhos mágicos” a publicação também oferece a autoajuda como alternativa. E ela mesma ocupa um mercado para o qual se coloca como espaço de divulgação. O mercado das dietas é fortemente voltado para o público feminino.

O tipo ideal de mulher no imaginário presente na revista “Saúde” se caracteriza por uma mulher “pró ativa”, típica da leitora da revista Nova/Cosmopolitam, e que de alguma maneira se enquadra nas prerrogativas do estilo de vida saudável que pressupõe indivíduos social e economicamente ativos. Os consumidores são aqueles que incorporam as insígnias da produção de corpos ditada pelos mercados da paranoia pelo “bem-estar”, onde predominam discursos que acabam por condenar tudo que foge ao padrão de uma imagem corporal da magreza.

Ilustração 11 – Pozinho que vira refeição.

balança
por André Biernath



Sachê para diabéticos

Chega ao Brasil um pozinho que, misturado com água, vira uma refeição capaz de ajudar esse público a emagrecer

Nestlé e Sanofi, duas gigantes dos ramos alimentício e farmacêutico, uniram-se para lançar por aqui o Optifast, um produto voltado aos diabéticos que precisam perder peso. É simples: basta mesclar o conteúdo do sachê com água quente ou fria para a refeição tomar forma — dá para preparar omelete de queijo, sopa de vegetais, mousse de chocolate e bebida de baunilha dessa maneira. A novidade, já disponível nas farmácias, auxilia a enxugar os quilos extras porque concentra proteínas e fibras, duas substâncias que aumentam a saciedade. "Trata-se de uma ferramenta interessante para esses pacientes, sobretudo quando levamos em conta que cerca de 90% deles têm sobrepeso ou obesidade", diz o endocrinologista Luiz Turatti, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Diabetes. Mas, segundo os próprios fabricantes, é importante que o item só seja comprado com a orientação de um médico ou nutricionista.



Dr. Alfredo Halpern
Médico endocrinologista do Hospital das Clínicas de São Paulo, é autor do livro *A Nova Dieta dos Pontos*, lançado por SAÚDE

Câncer e obesidade

Repercutiu bastante na mídia um estudo publicado no reputado periódico científico *Lancet* em agosto deste ano. Com base em dados de mais de 5 milhões de pessoas seguidas por vários anos, verificou-se que a incidência de câncer associa-se diretamente à obesidade. De 22 tipos de tumor analisados, 17 são mais frequentes em indivíduos com excesso de gordura no corpo. A destacar o risco especialmente elevado de eles serem diagnosticados com cânceres de útero, vesícula biliar, tireoide, rim e intestino grosso. As razões para isso são várias, mas vale ressaltar a alta concentração de certos hormônios no organismo de obesos, a inflamação decorrente do quadro, o próprio estilo de vida desse pessoal. É um dado novo: em sujeitos bem acima do peso, certas células de gordura podem nutrir um tumor e, assim, fazê-lo crescer!



FOTO: SHUTTERSTOCK/ANDRÉ COSTA MARIETTO; CÉLULAS: ROSSINI (CORREIO)

À venda na Loja Ateli
www.lojaateli.com.br

A seção que hoje é denominada NUTRIÇÃO antes chamava se *BOM APETITE*: *Notas sobre as últimas pesquisas da área de nutrição*; é nesse espaço que são publicadas pesquisas como essa:

Neste exemplo estão vendendo a ideia de que a soja transgênica é “mais rica”, portanto a cultura transgênica é melhor que a “versão natural”. Ainda tece uma explicação curta sobre “o que é um transgênico”, utilizando dois parâmetros: a ciência e o mercado. A outra matéria da sessão trata da divulgação de um novo produto na praça os “Chips balanceados” o “salgadinho que não pesa na consciência”. A seção nutrição como vimos trata de questões relativas ao mercado nas suas mais variadas facetas.

Ilustração 12- Soja transgênica mais rica e mais

nutrição por Thaís Manarini



Soja transgênica é mais rica

Ela reúne maiores doses de substâncias boas do que a versão natural

Pesquisadores do Instituto de Química da Universidade Estadual de Campinas, a Unicamp, analisaram as duas variedades de sementes e concluíram que a geneticamente modificada contém mais ferro e cobre — minerais que dão uma força na oxigenação dos tecidos — do que a natural. As vantagens da transgênica não param aí: ela se mostrou mais abastecida de enzimas capazes de combater

os perigosos radicais livres. “Tudo indica que essa versão passa por uma cascata de transformações bioquímicas que deixa a planta mais estressada”, diz Marco Aurélio Zezzi Arruda, coordenador do trabalho. “E, para amenizar esse estresse, ela produziria, então, as tais enzimas antioxidantes”, completa. Se quiser investir no alimento, saiba que, no Brasil, quase a totalidade da soja comercializada é transgênica.

O que é um transgênico?

Trata-se de um organismo, como uma planta, que recebe o DNA (ou trecho dele) de outro ser vivo. Antes de chegar ao mercado, esse alimento modificado passa por um extenso estudo que tem o objetivo de confirmar sua segurança.



Chips balanceados

A Gourmand Alimentos acaba de trazer para os supermercados e empórios o Roots to Go um salgadinho que não pesa tanto na consciência. Dentro do pacote, você encontra chips de raízes típicas do nosso país, como batatas-doces amber e roxa, cará, mandioca e uma combinação de mandioca e beterraba. “Certamente são mais saudáveis do que os salgadinhos tradicionais”, opina a nutricionista funcional Luciana Harfenist, do Rio de Janeiro. “Mesmo assim, o consumo deve ser moderado, já que 25 gramas fornecem 133 calorias”, lembra. A dica é degustá-los entre uma refeição e outra ou quebradinhos em cima da salada.

FOTO: BRUNO MARCAL/CORBIS OUTLINE/GETTY IMAGES (2)

Ilustração 13- Nutrição ou mercado de alimentos?

NUTRIÇÃO | POR THAÍS MANARINI

COGUMELO EM CONSERVA

Já é possível encontrar no mercado opções que vão além dos tradicionais champignons — e elas já vêm até temperadas



A marca La Pastina acaba de trazer ao Brasil a linha de cogumelos prontos da Nova Funghi, uma empresa italiana. Entre as versões disponíveis em latas, estão um mix dos cogumelos porcini, shiitaki e shimeji, além da variedade famigliola gialla. “Acredito que produtos como esses ajudem os brasileiros a consumir mais cogumelos”, avalia a médica Marcela Voris, diretora da Associação Brasileira de Nutrologia. E por que isso é bacana? Esses alimentos têm a vantagem de ser ricos em proteínas e pobres em gordura. Mas há perós: os potes reúnem bastante sódio (em média, 600 miligramas). “Sem falar nos conservantes”, repara a nutricionista Cristiane Schuler Monteiro, da Universidade Federal do Paraná. Tanto Marcela como Cristiane acreditam que, se a rotina permitir, ainda é preferível investir na opção in natura.

FOTO: BRUNO MARCAL / CORBIS OUTLINE/GETTY IMAGES

Vinagre para acalmar o intestino

Quem tem colite ulcerativa, uma doença inflamatória intestinal, sofre com sintomas como dor abdominal e diarreia prolongada. E talvez uma forma de aliviá-los seja recorrer ao vinagre. A descoberta vem de um estudo publicado no *Journal of Agricultural and Food Chemistry*. “Esse benefício é possível, mas o estudo foi feito com animais. Logo, não dá pra afirmar que o mesmo ocorra em seres humanos”, ressalva o médico Sender Miszputen, da Federação Brasileira de Gastroenterologia. Em um trabalho assinado por ele, quem protegeu cobalbas contra a doença foi o suco de uva. Agora é esperar para ver se novos experimentos (com gente de verdade) confirmam os achados.



Na seção FILHOS, são apresentadas as últimas notícias da pediatria conforme a ilustração abaixo. A circunferência abdominal infantil se categorizando com entidade diagnóstica.

Ilustração 14- Estudo acusa relação entre cintura e fragilidade óssea.

filhos por Ana Parizta

Gordurinhas demais...

...massa óssea de menos. Estudo acusa uma relação entre cintura inflada e ossos fracos na garotada

Fase delicada
É entre os 14 e os 15 anos que adolescentes do sexo masculino ganham mais massa óssea. Nas meninas, o esqueleto se desenvolve pra valer entre os 13 e os 14 anos. Por isso, é essencial evitar situações que ameçam a consolidação da ossatura, como a síndrome metabólica. Alimentação equilibrada e a prática de exercícios físicos são os grandes parceiros nessa empreitada.





Mira afiada contra o câncer cerebral

O meduloblastoma, o tumor de cérebro mais comum na infância, agora tem diagnóstico bastante eficaz e, o melhor de tudo, gratuito. Isso graças a uma iniciativa da ONG Tucca (Associação para Crianças e Adolescentes com Câncer), que inaugurou uma Central de Revisão Diagnóstica no Hospital Santa Marcelina, na capital paulista. Lá, por meio de uma análise genética, os especialistas identificam e classificam o tumor em

quatro grupos diferentes. A partir daí, define-se a estratégia de tratamento para cada paciente. "Nosso objetivo é aumentar os índices de cura dessa doença", conta Sidnei Epelman, oncologista pediátrico e presidente da Tucca. Cabe lembrar que, entre os primeiros sintomas do meduloblastoma, estão dores na cabeça ou nuca, instabilidade para andar e vômito — não ignorar esses sinais é o primeiro passo rumo a uma infância livre do problema.

No Brasil, são registrados 500 casos de meduloblastoma todo ano

ILUSTRAÇÃO: BROWN/ALIAS

A revista conta com maior número de leitoras, de classe A e B na sua maioria entre 25 e 55 anos. Há que se observar que a construção do universo da saúde passa pela afirmação de alguns tipos sociais. Há uma construção de papéis simbólicos de cada personagem da “família tradicional” higienicamente tratada, através, claro, de ação pedagógica onde existe um protocolo normativo para todos os membros da noção de família subjacente à institucionalização dos cuidados com a saúde no âmbito da cidade.

Na seção MATURIDADE, uma coluna sobre pesquisas enfocando a saúde e o bem-estar dos mais maduros, não trouxe no período de acompanhamento da revista nenhuma matéria diretamente ligada à alimentação e optamos por não incluí-la no estudo.

Ilustração 15- Poder e dever depois dos 70



Na seção PAPO CABEÇA, são apresentados temas que tratam de pesquisas com foco na saúde mental. Para ilustrar esta seção, escolhemos a matéria da edição de Agosto de 2014. Que traz um noção comportamental do universo alimentar, que oculta todas as questões políticas ou subjetivas ligadas as ditas compulsões alimentares.

Ilustração 16- A ciência por trás dos comportamentos.

papo-cabeça por Theo Ruprecht

A ciência por trás das compulsões

Novos achados definem quais padrões de comportamento predisõem a esses distúrbios e apontam as regiões do cérebro que não funcionam tão bem na presença deles

Apoiado em uma série de estudos, o neuropsicólogo Paulo Jannuzzi Cunha, da Universidade de São Paulo, publicou um artigo que elucida o que a medicina já sabe sobre a mente e o modo de agir de indivíduos viciados em drogas ou até mesmo em comida. "Uma das principais conclusões é que essas pessoas fazem suas escolhas de maneira menos consciente mesmo", diz. Em vez de refletir sobre as consequências de suas ações, elas ligam o piloto automático. Esse padrão, aliás, se reflete na massa cinzenta. Uma pesquisa da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, indica que obesos com compulsão alimentar, em comparação com outros sem o transtorno, possuem uma quantidade menor de neurônios em áreas cerebrais ligadas à tomada de decisões. Mas fica a questão: daria pra reverter isso? "Com psicoterapia e uma eventual ajuda de remédios, estimulamos o paciente a refletir sobre suas dependências e a planejar suas escolhas", aposta Cunha. Especula-se que isso até traria mudanças físicas ao cérebro dessas pessoas.

CÓRTEX ORBITOFRONTAL

Esse pedaço do cérebro analisa, segundo sua experiência, o impacto de um ato no futuro. É menor em quem tem alguma compulsão.



CÓRTEX ESTRIADO

É a área que incita a busca por prazeres imediatos. Quando pouco desenvolvido, precisa de mais estímulos (comer mais ou se drogar mais) para ficar satisfeito.

Desconfiar dos outros faz mal à cabeça

ILUSTRAÇÃO: DANIELA ALMEIDA

Quem vive com a pulga atrás da orelha corre maior risco de sofrer com doenças neurodegenerativas lá adiante. Eis a constatação de uma equipe da Universidade do Leste da Finlândia, que, por meio de um questionário, identificou entre 622 idosos quais participantes mais desconfiavam das atitudes de terceiros. Em oito anos de duração do estudo, ficou

claro que os senhores que não acreditavam nos outros apresentavam uma probabilidade três vezes maior de ter déficits cognitivos. "Uma das explicações é que essas pessoas não se engajariam tanto em atividades de grupo, que beneficiam demais a saúde mental", argumenta Anna-Maija Tolppanen, neurologista que assina a pesquisa.

A seção PET SAUDÁVEL aborda pesquisas e lançamentos voltados para os animais domésticos. Este mercado é crescente no universo da revista “Saúde” tanto que em novembro de 2015 a capa da revista “saúde” trouxe uma matéria falando das vantagens para a saúde de se ter um animal de estimação. Lançando inclusive duas capas alternativas uma trazendo Canino de mascote e a outra trazendo um Felino nesta matéria que segue vemos a tecnologia alimentar voltada para a produção de uma ração funcional para gatos.

Ilustração 17- Comportamento afeta imunidade.

pet saudável

por Tamires Cioffi

O comportamento afeta a imunidade

Mudanças no jeito de ser do cachorro estão ligadas a variações em suas defesas naturais

A veterinária Adriana Akamine, da Universidade de São Paulo, analisou como 30 beagles interagiam em grupo. “Por meio de filmagens, percebíamos se um animal era subordinado ou dominante”, explica. Ai, ela dosou as células imunológicas no sangue de cada um desses bichos e, depois, colocou-os em outro ambiente para gerar um ligeiro estresse, estimulando modificações no padrão de comportamento deles. Após avaliar o sistema imune dos cães nesse novo contexto, Adriana notou que alterações na maneira de agir estavam ligadas a mudanças na função de certas células de defesa dos pets. Embora ainda seja impossível saber de que jeito isso repercute no combate a infecções e outros problemas, vale ficar de olho em variações na conduta do seu amigo de quatro patas e, se achar que é o caso, consultar um expert.



Sem estresse!

Quando exposto a situações tensas, um cachorro tende a apresentar níveis maiores de cortisol, hormônio que pode abalar sua barreira natural contra ameaças à saúde. Se o seu companheiro ficar nervoso por algum motivo, tente acalmá-lo com brincadeiras e carinho.

Ração contra bolas de pelo



Um dos problemas que mais incomodam os gatos, em especial os bastante cabeludos, é o emaranhado de pelos que insiste em se formar no sistema gastrointestinal — algo comum, visto que eles se limpam lambendo o corpo inteiro. “Além de provocar regurgitações frequentes, essas bolas podem causar perda de peso, diarreia e constipação”, avisa a veterinária Tânia Fernandes,

do Hospital Veterinário da Universidade Metodista, na Grande São Paulo. Para combater o problema, a Royal Canin lançou uma ração rica em fibras vegetais, ômega 3 e 6, proteínas e aminoácidos específicos. “Tais substâncias ajudam a impedir a formação de bolas de pelos”, diz Tânia. Outra solução para o incômodo é escovar o bichano diariamente. Acredite, ele vai adorar.

FOTOS: REPRODUÇÕES/GRANDI THINKSTOCK/OLYCOMBO

A seção SEMPRE QUIS SABER é um grande infográfico que procura responder a uma curiosidade (por exemplo: por que espirramos?) sobre nosso corpo e saúde. Esta seção também foi descartada por não ser pertinente à análise, pois, tendo a comida como critério, descartamos as seções que não abordam direta ou indiretamente o assunto.

Ilustração 18-As funções ocultas da baba.

SEMPRE QUIS SABER | POR ANDRÉ BIERNATH

PRA QUE SERVE A SALIVA?

O líquido que transita pelos quatro cantos da boca tem uma série de funções — da proteção contra doenças à digestão dos alimentos

1 FÁBRICA DE BABA

A saliva é produzida nas glândulas salivares. A maior delas é a **parótida**, que fica perto da orelha e da garganta. Outras duas grandes glândulas se localizam debaixo da língua e da mandíbula.

2 UMIDADE EM ALTA

A principal missão desse líquido é manter toda a cavidade bucal lubrificada. E quem garante sua textura viscosa é a mucina. É esse ingrediente que faz a saliva grudar em dentes, língua, gengiva...

MICRO-ORGANISMOS

3 HORA DA FAXINA

A gosma que brota das glândulas remove o excesso de bactérias e outros **micro-organismos**, o que evita a formação de cáries. Essa limpeza natural, porém, não substitui a escovação e o fio dental.

4 TUDO JUNTO E MISTURADO

Até durante as refeições a saliva é importante: enquanto os dentes trituram a comida em pedaços cada vez menores, ela ajuda a criar um **bolo pastoso**. Isso facilita a deglutição — aí, o alimento escorrega mais fácil por garganta e esôfago.

5 O INÍCIO DA DIGESTÃO

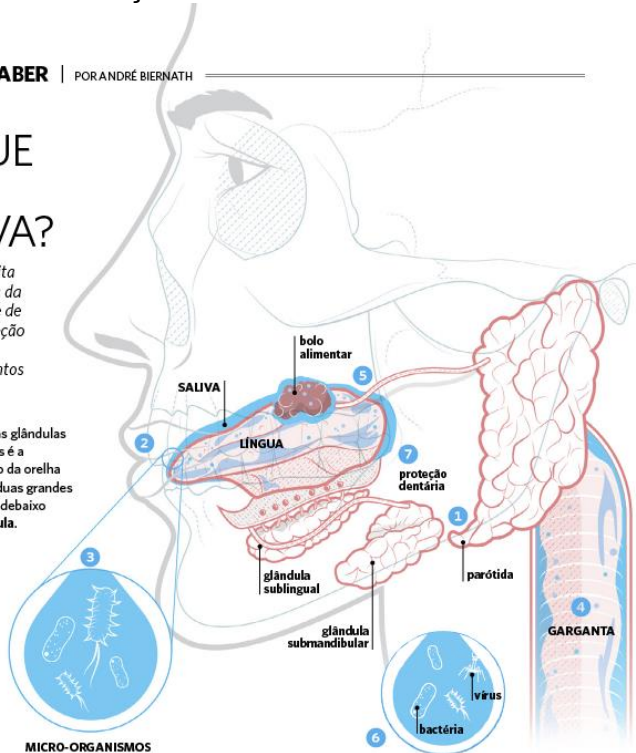
O fluido salivar não funciona só como um cimento que une pedaços de macarrão, salada e bife. A ptialina, enzima presente em sua fórmula, já começa a digerir o amido (carboidrato que compõe a batata, o arroz e o trigo) na boca.

6 PROTEÇÃO RELATIVA

A imunoglobina, anticorpo que marca presença na saliva, ataca **bactérias e vírus nocivos**. Contudo, alguns agentes causadores de doenças, transmitidos por beijos ou espirros, conseguem driblar as defesas. É o caso dos vírus da gripe, do herpes e do sarampo.

7 REFORÇO DA BASE

A baba ainda possui uma boa quantidade de cálcio, que serve de **matéria-prima para os dentes**. O mineral impede que essas estruturas se tornem porosas e frágeis — cenário perfeito para a adesão das bactérias por trás das cáries.



E Por Fim “O jogo dos Sete erros”, ou melhor, das SETE DIFERENÇAS, que é uma seção que sempre compara dois alimentos ou mais alimentos que tenham alguma semelhança. Atualmente o título foi alterado para COMPARE e se dedica a comparação entre aspectos nutricionais de alimentos específicos de acordo com seus atributos nutricionais, como maçã em comparação com a pera; uva fresca x Uva passa; lombo suíno assado x bisteca grelhada; *smoothie* de morango x *Milk shake* de morango.

Estrutura-se, com textos curtos, prescritivos e sempre assinados por um profissional da nutrição ou pautados num estudo nutricional dito de ponta. Há sempre o placar saúde, que avalia que alimento ou preparo é mais benéfico para a saúde.

Ilustração 19- Placar saúde.

compare por Thais Manarini

Milk-shake e smoothie de morango



FOTO: JIMMY MAROLY / IMAGIÇÃO: OZETE MARIETTO

Sabe aquela máxima de que as aparências enganam? Pois ela cai como uma luva neste embate. Afinal, apesar de ser difícil diferenciar essas duas bebidas à base de morango só pelo aspecto visual, a história muda ao focarmos na composição nutricional de cada uma. O milk-shake, pra começar, é feito com sorvete e, por isso, carrega mais gordura. “Principalmente a do tipo saturada, nociva à saúde”, lembra a nutricionista Elaine de Pádua, da Universidade Federal de São Paulo. Para ter ideia da enrascada, 50% do valor calórico da bebida vem justamente das duas bolas de sorvete adicionadas à receita. O smoothie, por outro lado, leva iogurte — item bem-vindo. “Seus nutrientes mais importantes são cálcio e proteínas. Enquanto o primeiro ajuda na manutenção da massa óssea, o segundo é necessário para a construção e reparação dos tecidos do corpo”, informa Elaine. Logo, se estiver em busca de uma receita balanceada, o smoothie sai na frente. Tanto é que pode ser consumido de duas a três vezes por semana. O milk-shake, que tem mais cara de sobremesa, está liberado apenas uma vez por semana.

1 Energia	4 Carboidratos
Smoothie 215,6 cal	Smoothie 33,1 g
Milk-shake 615 cal	Milk-shake 85,4 g
2 Proteínas	5 Cálcio
Milk-shake 18,74 g	Smoothie 440 mg
Smoothie 12,3 g	Milk-shake 379,4 mg
3 Gorduras totais	6 Sódio
Smoothie 5,1 g	Milk-shake 150,7 mg
Milk-shake 22,3 g	Smoothie 161,6 mg

(Os valores se referem a 1 copo de 300 ml)

PLACAR SAÚDE

SMOOTHIE **4** × MILK-SHAKE **2**

FONTE: ELAINE DE PÁDUA, NUTRICIONISTA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

Estas são as seções da revista “Saúde” de acordo com o portal Publiabril. Em relação às edições de janeiro de 2014 até as edições atuais, algumas seções mudaram de nome, como é o caso desta apresentada por último, antes chamada de “SETE DIFERENÇAS” agora nomeada por “COMPARE”, mas mantendo preservada a sua proposta inicial.

Além dessas seções descritas no site “Publiabril”, temos partes estruturais da revista como o *sumário* no início e o *índice remissivo* no final. Um texto inicial do editor a cada número se presta a apresentação dos temas abordados na edição, e tem por título “Ao Leitor”. Há também o “Mural do leitor”, uma seção de cartas, ou melhor, *e-mails* e contatos nas “redes sociais” e mensagem (críticas, dúvidas e sugestões) de leitores habituais, onde tem espaço para as erratas. Outra denomina-se “internet”, dedicada a divulgação do material móvel da publicação, além de se destinar a divulgar resultados das enquetes propostas no número anterior.

O índice remissivo da revista saúde se assemelha a um catálogo de doenças, por meio de sua análise podemos flagrar a importância de certos tipos de grupos sociais identificados a partir de doenças crônicas. São as mais recorrentes no material analisado: Hipertensão arterial, câncer, diabetes e problemas cardíacos todos listados eventualmente como comorbidades associadas ao que parece ser considerado como o pior de todos os males no universo da revista: a obesidade. Esta última é descrita a partir de um estilo de vida sedentário e uma dieta desequilibrada observável em pessoas portadoras de baixa autoestima e conseqüentemente dotada de uma vontade fraca.

Outra seção que não é apresentada no site da Publiabril chama-se “*fitness*” sobre musculação e outros esportes, mas que volta e meia apresenta uma matéria sobre suplementação alimentar. Há, ainda, a seção “Zoom” que sempre traz imagens inusitadas com fotos macroscópicas de tecidos, células, organelas ou outras microestruturas biológicas apresentadas em cores vibrantes.

Algumas seções da revista saúde são privilegiadas se desejamos acessar o ideário da revista sobre pontos específicos como ciência e tecnologia, por exemplo. A seção MEDICINA é a mais indicada, já que é ali que comumente são divulgadas as inovações nesse âmbito. Sobre Medicalização do alimento temos mais farto material na Seção NUTRIÇÃO.

Para além de todas as seções, listadas, a revista tem as matérias de capa, algumas com maior destaque e com conteúdo mais extenso no corpo da revista e

outras menores. Possui também a propaganda e o marketing, algumas de página inteira, outras dividindo espaço com as matérias. Outras são apresentadas como almanaques algo como uma revista dentro da outra revista, essas dedicadas sempre exclusivamente a anunciantes provenientes da indústria farmacêutica. Os anunciantes da revista “Saúde” nesse tempo em que a acompanhamos, são em grande parte voltada para o público feminino: cosméticos, calçados, moda, suplementação e medicamentos, e para o setor saúde e bem estar da mulher moderna e da “família”.

Nesta primeira abordagem selecionamos as doze seções e começamos a pensá-las a partir das categorias “risco” e “medicalização”. Essas categorias de análise serão detalhadas mais adiante. Observamos que as quatro vezes que a noção de risco é trazida para o texto, ela se associa a palavras como “Gordura”, “Aumento de peso”, ou “Calorias”. Com exceção de uma vez que o risco aparece para qualificar certo tipo de preparo de alimentos, no caso, refogar algumas folhas faz com que elas corram o risco de perder os seus nutrientes. Portanto, vemos traços explícitos de “Lipofobia”, um preconceito ou aversão à gordura, que denota um cenário onde o ideal de saúde está diretamente ligado ao imperativo estético. A gordura, do alimento ou do corpo, é terminantemente proibida no primeiro caso, e visto como um “objeto carreador de nutrientes” no segundo.

As tomadas iniciais do material tiveram como parâmetro, os três descritores citados acima (Risco; Medicalização; Corpo) principalmente quando referidos as práticas alimentares. A estruturação dos textos presentes na seção COMPARE (onde são comparados alimentos de acordo com o seu valor nutricional) se mostrou uma fórmula pronta e bastante rasa.

2 TEORIAS, CONCEITOS E METODOLOGIA

Alimentação & Nutrição, cultura, informação e mídia, saúde e ciência corporificam na atualidade séries de fluxos discursivos que engendram a produção de uma subjetividade mediada pelos interesses do mercado (PRADO et al., 2015). Nos meios de comunicação, nas ciências humanas ou nas ciências da saúde, a alimentação é atravessada por questões e fluxos sociais, políticos, econômicos, históricos e culturais.

O Campo da Alimentação e Nutrição é, grosso modo, um campo que se funda sobre uma condição: a necessidade fisiológica do alimentar-se (BOSI; PRADO, 2011). Mas como vivemos em uma sociedade de consumo todas as necessidades básicas são capturadas pela lógica do consumo. Um traço comportamental da sociedade em relação ao sistema se faz presente através do sintomático fetiche pelos produtos comerciais, como por exemplo, os produtos de gênero alimentício (KUWAE et al., 2015). A distinção social (BOURDIEU, 2010) através do “consumo alimentar” influencia tanto o olhar do profissional ligado à nutrição, quanto da sua clientela. A determinação cultural das práticas alimentares permeia todos os campos por onde os alimentos são simbolizados e conseqüentemente valorados.

O alimento transformado em comida, nessa perspectiva tem suas funções e seus significados inacessíveis exclusivamente pelas leituras biológicas ou afins (CARVALHO; LUZ; PRADO, 2011). Acesso permitido apenas levando-se em conta os aspectos simbólicos presentes nas práticas alimentares. Uma simples refeição incorpora os códigos e símbolos do jogo social cujas relações são mediadas pelo mercado. O alimento não é um artefato da natureza, ele está totalmente transformado pelo jogo simbólico da cultura (SIMMEL, 2004).

O presente estudo se pauta numa abordagem compreensiva, e mira o cotidiano da alimentação. O sentido atribuído ao alimento no espaço simbólico do cotidiano. A instituição do saber médico como detentor definitivo da verdade sobre o corpo habilita o discurso da promoção da saúde, através de uma intervenção sobre a produção de escolhas alimentares higienizadas, racionalizadas através do discurso nutricional. O papel da mídia nesse contexto é estratégico, e de mercado, funcionando como veículo dos discursos oriundos do aparato médico-farmacêutico.

Nesse sentido, propõe-se uma trajetória que aborda a revista como espelho da sociedade, onde o texto é tão importante quanto o contexto de publicação da obra. Desta maneira, não pretendemos cair numa abordagem meramente internalista. Em que “o texto é o alfa e o ômega e nada mais há para ser conhecido, [...] a não ser a letra do texto”. (BOURDIEU, 1997, p.19). Tão pouco a intenção do trabalho se limita a correlacionar o contexto, configurado pelo modo de produção capitalista nas conformações atuais, ao discurso midiático presente na publicação, o que penderia sobremaneira para uma abordagem externalista do objeto em questão.

Por isso nos valem da noção de campo em Bourdieu, com a intenção de superar esta “abordagem binária” (só o texto/ só o contexto) do material, o que gera como saldo, uma forma *interacionista* de abordagem da ciência e também do senso comum, este último representado pela revista Saúde.

O conceito de "campo", referido ao espaço da ciência, encontra uma definição estratégica em Pierre Bourdieu, autor que o define como um espaço de luta concorrencial no qual o que está em jogo são os monopólios da autoridade científica [...] e da competência científica [...] que são socialmente outorgadas. Dessa forma, embates epistemológicos revelam-se como intrinsecamente políticos, tal como se evidencia nos conflitos e disputas que se processam nos planos conceitual e da práxis. Assim, examinar o movimento dos saberes na constituição de campos implica tratar com tensões "paradigmáticas", ou seja, tensões entre estruturas conceituais que também operam no interior do campo, no que concerne tanto às concepções quanto às práticas delas decorrentes ou a elas relacionadas. (PRADO; BOSI, 2011, p. 08)

Da observação dessa produção de verdades que alimenta a mídia, e que é retroalimentada, por sua vez, pelo “senso comum”, surgiu o desejo de tomar como objeto a revista “Saúde”, buscando entender o lugar simbólico do alimento e as concepções de saúde ali difundidas.

Faz-se importante para nós abordar a noção de linguagem com a qual trabalharemos nestas linhas. Não se trata de percorrer os labirintos epistêmicos do campo da linguística, mas de expor qual a concepção de linguagem está em jogo ao longo deste trabalho. Trata-se da linguagem enquanto “Prática social” e a abordaremos enquanto objeto da psicologia social. O que justifica o interesse pela “linguagem em (seu) uso”. Trata-se de uma análise discursiva, que na observação de SPINK (2008), possui duas correntes analíticas: uma que focaliza as trocas linguísticas e outra que focaliza o discurso.

Para falar de “trocas linguísticas” a autora cita os trabalhos sobre linguagem de Bruner (1984), que propõe que ao estudarmos a linguagem, nos defrontaremos com três possíveis critérios, que são: foco na boa formatação, foco no sentido ou foco na performática. Como não nos ocupamos da sintaxe ou da relação entre os significantes, esse primeiro critério enumerado é prontamente descartado. Ao contrário dos dois outros critérios, que de fato, geram interesse. O primeiro pelo aspecto semântico, já que, de certa forma, estamos aqui a mapear significados ‘possíveis’ para certos tipos de enunciados, carregados por certos discursos, que por sua vez remetem a um dado contexto histórico. O segundo pelo critério que foca a performática, explicada por Spink (2008) ao dizer que esse critério se pauta numa pragmática: e se refere às condições de enunciação enfim, quando, em que condições, com que intenções, finalmente de que modo deve se falar (BRUNER, 1984, *apud* SPINK, 2008). O que pode servir para um discurso de marketing, tanto quanto para um discurso científico.

Pensando a segunda corrente analítica, citada anteriormente, observamos nesta leitura, um parâmetro para o conceito de Discurso (FOUCAULT, 2009), que assume uma importância metodológica, na medida em que procura problematizar o contexto, sem perder de vista a interação. Pensamos, pois, a linguagem em seu uso cotidiano, nos ocupando desta maneira do discurso, concebendo-o como mediador irrevogável de relações sociais.

2.1 O discurso a partir de Foucault

Segundo o “Vocabulário de Foucault”, no verbete “Discurso”, o discurso “está constituído por um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições para (a sua) existência”. (CASTRO, 2009 p. 117). Se pensada etimologicamente, a palavra discurso implica a ideia de curso, de percurso, algo que se remete ao movimento. O discurso é a palavra colocada em movimento.

A questão do Discurso se configura como um tema central na obra de Foucault que o define em a “Arqueologia do Saber” como o: “Conjunto de enunciados que provem de um mesmo sistema de formação; Assim, podemos pensar em termos de

discurso clínico, discurso econômico, discurso da história natural, discurso psiquiátrico” (FOUCAULT, 2009, p. 122).

Em sua aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em dois de dezembro de mil novecentos e setenta, Michel Foucault, supõe que:

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2009 p. 8)

Foucault aponta que ‘em uma sociedade como a nossa’ o discurso está sujeito a procedimentos de exclusão. A interdição seria o mais evidente e ela se manifesta de três modos: no ‘tabu do objeto’, no ‘ritual da circunstância’ e no ‘direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala’. É justamente no ‘jogo’ que esses três tipos de interdição que se cruzam, se reforçam ou se compensam e formam uma complexa grade em permanente modificação.

Neste cenário, a noção de discurso com a qual trabalhamos, assim como na obra de Foucault e na Análise de Discurso que nos apresenta Eni Orlandi, é atravessada pela psicanálise e pela história (ou pelo materialismo histórico).

O Discurso, como a psicanálise mostrou, “não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também, aquilo que é objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2009 p.10).

Nesse sentido, com o interesse de aprofundar os estudos relativos ao discurso nutricional, propomos uma delimitação de campo, que favoreça a observação da incidência do discurso biomédico sobre o campo da Alimentação e Nutrição. Para isso, lançamos um o olhar sobre a comida, ou seja, sobre a produção de sentidos e usos sociais da comida.

A dinâmica histórica de emergência dos problemas chave no campo da nutrição no Brasil, por si só já poderia ser tomada como objeto de estudo. A passagem de fome para obesidade, não pode ser entendida estritamente por saberes oriundos exclusivamente do campo biomédico, as leituras em psicologia social, por exemplo, podem fornecer uma contribuição nesse sentido, que não cabe aqui nesse estudo específico, mas pode ser objeto de trabalhos futuros.

Nesse estudo essa transição entre *fome* e *obesidade* é um componente do pano de fundo, pois marca definitivamente publicações da área da alimentação no campo da saúde. Em dado momento histórico se assumiu que o termo *nutrição* não é um descritor capaz de nomear um campo tão vasto de práticas. Então a alimentação foi assimilada á descrição do campo. Essa ampliação conceitual é fundamental para que nos situemos neste campo, através da noção de práticas alimentares, que emerge neste coletivo de pensamento (FLECK, 2010), de modo a suplantar as ingênuas noções de *consumo* ou *hábito* alimentar.

No discurso da revista o “discurso verdadeiro” se impõe, se transforma em uma ferramenta de poder que cria um suporte institucional para reforçar e conduzir as práticas, as ações, os processos cognitivos e os desejos. O discurso científico define as formas de ação e cria sistemas de exclusão / classificação / ordenação / distribuição. Tais discursos se apresentam para o senso comum como verdades, formas estruturantes, sistemas de saber. Criam valores simbólicos.

Ainda segundo Foucault (2009), o discurso se constitui a partir de reformulações, exclusões, transformações ou interditos, pois, assim como as palavras, o discurso não pode circular livremente, sem compromissos. No discurso há a *separação* e a *rejeição*, que identifica quem pode falar, quem está autorizado, ou quem determina o que pode ser dito, e de que forma pode ser dito. Neste sentido, a revista apresenta o discurso autorizado dos especialistas, geralmente nutricionistas, como estratégia para que a fala da revista ganhe peso e respeitabilidade, de acordo com aquele que fala, da posição da qual ele fala, ou da instituição que fala através do sujeito que a representa. Pois as matérias são sempre ligadas a instituições de pesquisa com reconhecimento internacional. Deste modo, o discurso é sempre atualizado sem alterar o seu “núcleo duro”, suas verdades primeiras. É sempre mais do mesmo, variações sobre o mesmo tema, fazendo com que a fala científica se metamorfoseie em argumentações que remetem sempre às mesmas questões, a partir da mesma abordagem, construída a partir da mesma perspectiva, e obviamente, chegando às mesmas respostas.

A questão da autoridade se manifesta como uma forma de dissimular o que é dito pessoalmente invocando um ausente que se faz presente e mostra sua força. O valor da autoridade que a ciência imprime na revista está em ocultar-se atrás de um terceiro de modo a sugerir o que pensa sem necessitar responsabilizar-se por isso.

O discurso da ciência traz implícito o peso da tradição construída a partir da ciência ocidental moderna e sua aura de confiabilidade e compromisso com a verdade. Não basta dizer a verdade, é preciso dizê-la a partir do discurso que é considerado verdadeiro. O verdadeiro existe senão obedecendo a regras de uma “polícia discursiva”, que é ativada a cada discurso. E o que a revista faz é atualizar a cada número o poder da ciência de determinar o que é verdadeiro e “apresentar de maneira simples e fácil” para o leitor.

Outra questão que está em jogo na discursividade apresentada na publicação é a chamada divisão do trabalho social da interpretação, entendida por Orlandi da seguinte forma:

Diante de qualquer objeto simbólico, somos instados a dar sentido, a significar. Além disso, a interpretação se apaga como tal, na medida em que os sentidos são uns e não outros, dadas as condições de produção e, no entanto, eles nos aparecem como naturais. Este é um dos aspectos da ideologia. Por isso dissemos que há um dispositivo ideológico de interpretação em todo sujeito falante. Os sentidos nunca estão soltos. Há sempre, na injunção a significar, condições para que eles sejam x e não y, para que eles tenham uma direção, que constituam uma posição do sujeito. Há, pois, mecanismos de controle dos sentidos. A injunção a interpretação tem sua forma e suas condições. (ORLANDI, 2012 p. 89)

Os estudos sobre o discurso compõem um vasto campo teórico que conta com densa produção em suas variadas utilizações no campo das ciências humanas e sociais da saúde. Não foi a nossa intenção esgotar o trato com os métodos da análise do discurso pelo contrário, acreditamos que estes têm muito mais de contribuição para o campo da Alimentação e Nutrição do que pudemos tratar neste estudo.

2.2 O discurso biomédico

O discurso biomédico, o que nos propusemos a estudar, se apresenta como o discurso hegemônico dentro do campo da ANS, representando uma força gravitacional na qual orbitam séries de outros discursos, tecnologias e práticas em saúde, que por sua vez, produzem outras séries de discursos, que ideologicamente se inscrevem num mesmo bloco de enunciados compartilhando de um mesmo sistema de formação.

A Biomedicina se baseia na racionalidade da mecânica clássica, surgida no pensamento moderno, atualizando a noção de um mecanismo que possuiria uma validade universal e possibilitaria a criação de um modelo baseado em leis de aplicação geral, não se ocupando de casos individuais. O caráter generalizante deste modelo naturaliza a noção de uma máquina universal que daria conta da complexidade humana, subordinando o que é desta ordem a princípios de causalidade linear de caráter mecanicista. Esta abordagem teórica e experimental “pressupõe o isolamento de partes, tendo como pressuposto que o funcionamento do todo é necessariamente dado pela soma das partes”. (CAMARGO JR., 2005 P.178).

Mas o conhecimento se configura também como uma espécie mercadoria. Se transformando em moeda de troca num mercado complexo e sofisticado. Sobre a produção e difusão do conhecimento biomédico pode-se utilizar a expressão *indústria do conhecimento* para definir os processos de negociação da produção científica, que envolvem a construção do conhecimento médico e a produção de artigos científicos (MIGUELOTE; CAMARGO JR, 2010).

O conceito de *Indústria do Conhecimento* é identificado como parte integrante do *Complexo Médico Industrial*, onde há certas “distorções no exercício de poder que comprometem o controle das atividades de pesquisa e da disseminação de conhecimento.” (MIGUELOTE; CAMARGO JR., 2010, p.191) Os autores defendem que, embora o discurso da indústria farmacêutica anuncie colaboração na produção de conhecimento médico, essa colaboração não está comprometida com a saúde pública. A indústria do conhecimento funciona como um aparato tecnocrático que implica em aspectos éticos transformando “o processo de legitimação científica em estratégia de marketing, compromete a credibilidade do processo de construção de conhecimento médico e incentiva distorções nos critérios de avaliação de qualidade dos artigos científicos.” (MIGUELOTE; CAMARGO JR., 2010, p.195)

Essa conceituação sobre os processos de legitimação do conhecimento científico importam para esse estudo, justamente, por que através desse cenário, podemos conceituar o que chamamos de medicalização, por comparação com outro processo, que trataremos como Farmacologização (CONRAD, 2010). Os dois conceitos fazem parte do mesmo universo político, porém trata-se de processos distintos. Seguindo os caminhos das teorizações sobre medicalização, surgem no cenário uma série de conceitos que propiciam uma reflexão sobre a institucionalização do poder médico e as formas de concebê-lo e estudá-lo, e principalmente entender

como a medicalização se materializa neste estudo. No contexto deste trabalho tomaremos o termo medicalização de acordo com a conceituação feita por Conrad em seu texto *The Medicalization of Society*: “o processo de transformação de problemas anteriormente não considerados ‘médicos’(ou “de saúde”) em problemas médicos, usualmente sob a forma de transtornos ou doenças” (CONRAD, 2007)

Quando delimitamos o conceito de medicalização restringindo o seu significado este se torna mais prático, mais pragmático, já que elegemos como campo de aplicabilidade teórica deste conceito, o complexo campo da Alimentação e Nutrição, que favorece a compreensão do objeto de estudo. Nesse cenário, temos dois conceitos que também se apresentam como fundamentais sendo estes: *Complexo médico industrial ou financeiro* e *Indústria do conhecimento* citados anteriormente. Esses elementos se cruzam e compõem o cenário do campo da Alimentação e Nutrição em sua interface com a Saúde Coletiva (PRADO; BOSI, 2011).

Essa duas expressões apresentadas por Camargo Jr. nos permitem conceber a existência no campo da Alimentação e Nutrição de um Complexo Alimentar Industrial, entendido como: todo o mercado de alimentos e bebidas, toda a cadeia produtiva da indústria alimentar em anexo a rede de distribuição, além de toda a produção discursiva técnica e publicitária. Cabe ressaltar que a perspectiva é de analisar a comida em sua dimensão simbólica, percebendo nas entrelinhas, como a indústria de alimentos e a ciência da Nutrição produzem sentidos, valores e juízos sobre o comer;

(...) A biomedicina, em suas pesquisas, se apropria do "alimento", compreendendo-o como elemento da ordem da natureza associado a uma concepção de corpo orgânico funcional e objeto de modificações nesse corpo. As Ciências Sociais têm a "comida" como elemento da ordem da cultura associada a uma concepção de corpo social em que ela é expressão de uma forma de organização social. (CARVALHO ,et al., 2011 p.160).

Pesquisar “Comida” contemporaneamente é receber um convite a realizar olhares interdisciplinares, já que esta se encontra recoberta por camadas de produções simbólicas que se mesclam e se hibridizam construindo imbricações epistêmicas. A alimentação vai muito além de sua acepção biológica, passível de compreensão apenas em acordo com descritores e construtos biomédicos. A Comida como produto da cultura está condicionada a uma série de discursos, sentidos e significados, carregados de subjetividade e memórias que traduzem a história de um

povo. Mas o alimento incorpora também interesses econômicos, políticos e culturais e não pode ser visto apenas como um composto bioquímico com nutrientes ou transformado em mero produto de consumo ou medicamento com propriedades terapêuticas. Portanto, a comida não contém somente nutrientes, valores energéticos ou calóricos por grama, ela também abriga inscrições simbólicas variadas que expressam valores sociais capazes de distinguir os seus habituais consumidores, que se agrupam em torno de signos produzidos nos meios científicos e propagados de acordo com o interesse da mídia.

2.3 Procedimentos de análise

A metodologia empregada, para que se realize esse estudo, que se debruça sobre a revista “*Saúde*”, se baseia na “Análise do Discurso”, na perspectiva da Eni Orlandi (2013). Mas como operacionalizar este método?

O Primeiro passo segundo a autora, é a constituição do *corpus*.

Em geral distinguimos o corpus experimental e o de arquivo. Quanto a natureza da linguagem, devemos dizer que a análise de discurso interessa-se por práticas discursivas de diferentes naturezas: Imagem, som, letra, etc (ORLANDI, 2013 p. 62).

Entende-se essa ‘constituição do *corpus*’ como um aprofundamento necessário, que parte da superfície do texto para a profundidade do discurso. O que permite tratar “de ‘fatos’ da linguagem com sua memória, sua espessura semântica, sua materialidade linguístico-discursiva” (ORLANDI, 2013, p. 63). Essas etapas iniciais são de suma importância para que se realize uma análise consistente. De acordo com Orlandi, (2013) A composição do corpus e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca das propriedades discursivas. Assim pretendemos compreender como o discurso opera produzindo os seus efeitos de sentido.

A essa altura, distinguiremos *texto* de *discurso*.

O texto é a unidade que o analista tem diante de si e da qual ele parte. O que faz ele diante de um texto? Ele o remete imediatamente a um discurso que,

por sua vez, se explicita em suas regularidades pela sua referência a uma ou outra formação discursiva que, por sua vez, ganha sentido por que deriva de um jogo definido pela formação ideológica dominante naquela conjuntura. (ORLANDI, 2013, p. 63)

A autora nos fornece essa máxima: “Segundo o que pensamos, o discurso é uma dispersão de textos e o texto é uma dispersão do sujeito.”. O discurso por princípio não se fecha. É um processo em curso. Ele não é uma mera reunião de textos, mas uma prática. Um sujeito não produz só um discurso; um discurso não é igual a um texto. (ORLANDI, 2013)

Pode se concluir que: ...a análise do discurso não está interessada no texto em si, como objeto final de sua explicação, mas como um objeto que lhe permite ter acesso ao discurso. O trabalho do analista é percorrer a trajetória na qual a ordem do discurso se materializa na estruturação do texto (e a da língua na ideologia). Isso corresponde a saber como o discurso se textualiza (ORLANDI, 2013: p. 72).

Então o texto é entendido nesse cenário como ‘unidade de análise’, é sempre afetado ‘pelas condições de produção’. Mas o ponto mais importante que observamos no texto a partir da leitura da Orlandi, é o caráter significante, que por si só nos remete a abertura, um espaço de trama de sentidos, de trabalho da linguagem, de funcionamento da discursividade. A autora aponta que: O analista deve compreender como o texto produz sentidos, o que sugere saber tanto como ele pode ser lido, quanto como os sentidos estão ali presentes. Para esse estudo, o texto não é o ponto de partida e nem uma linha de chegada, Os textos destacados da revista são somente peças de linguagem de um processo discursivo muito mais amplo, funcionando como um exemplar do discurso. (Orlandi, 2013)

O procedimento de análise é tomado em três etapas pela autora, e acima falávamos sobre as bases do nosso método. Se a noção de funcionamento é central para a nossa elaboração, temos o compromisso com a ‘observação dos processos e estruturação de sentidos e de sujeitos’.

O dispositivo de análise nos faz passar do texto ao discurso, no contato com o material empírico é dessa fricção, desse ir e vir, que surgem as derivações interpretativas, que se alimentam dos caracteres metafóricos dos sentidos e dos sujeitos. Vamos então às etapas do procedimento de Análise:

1ª etapa	Construção do objeto discursivo (desnaturalização da relação palavra x coisa)	Deslocamento da superfície da linguagem para o Objeto Discursivo	Texto
2ª etapa	Constituição dos processos discursivos responsáveis pelos efeitos de sentidos	Passagem do Objeto Discursivo para o Processo Discursivo	Formação discursiva
3ª etapa	Interpretação e tradução na escrita da análise	Passagem do processo Discursivo para o ideológico	Formação Ideológica

Enfim, espera-se que esse método de análise dê conta da tarefa de compreender as relações entre o simbólico e o político no processo de constituição dos sujeitos atravessados pela instituição do saber-poder médico, através de uma “escuta” dos discursos que abordam assuntos pertinentes á comensalidade na revista Saúde. Para tanto a observação do objeto se dá no registro da medicalização da comida e estivemos atentos a todos os descritores que desse universo depreendem, como risco e alimentação funcional.

3 MEDICALIZAÇÃO DA COMIDA NA REVISTA “SAÚDE”.

De setembro de 2013 até maio de 2016, período da publicação disponível na plataforma de leitura Iba Clube, a revista exibiu vinte e quatro vezes em sua capa um alimento, em tamanho grande e cores vibrantes! Isso contabilizado num total de trinta e seis edições. Iremos analisar dois exemplos.

A revista de número 390, de maio de 2015, é icônica para nosso estudo, pois apresenta o *OVO* em cores vibrantes na capa. Traz em seu corpo (pág.33), matéria de seis páginas dedicadas ao alimento que nos últimos anos tem sido objeto de debate acalorado nos meios públicos. A discussão gira em torno dos riscos ou benefícios associados à presença do ovo numa dieta saudável e passa por questões relativas ao colesterol. O que já rendeu à mesma editora Abril no mesmo ano de 2015, outra matéria de capa no seu principal semanário, a revista “Veja” (IBA CLUB,2016).

A questão do ovo tem sido debatida pela sociedade brasileira, além das capas de revistas Abril editora, temos também a crônica do escritor famoso no jornal de maior circulação nacional opinando sobre a controvérsia, inclusive reivindicando um indenização por todos os ovos que deixou de saborear por acreditar que esses seriam “bombas de colesterol” (Luiz Fernando Veríssimo). Temos ainda a série de áudio visual cômica disponibilizada na internet satirizando a posição do profissional de nutrição (Porta dos Fundos).

Enfim, o ovo tem catalisado muitas falas, e têm sido citadas, pelo menos na grande mídia brasileira, por diversos especialistas nas mais variadas áreas de suposto interesse pelo assunto. São chamados ao debate público, especialistas em alimentação de formações distintas como observaremos nesta matéria da revista “Saúde” conforme a matéria abaixo:

Ilustração 20- Razões para comer.

SAÚDE É VITAL

SAUDE.ABRIL.COM.BR

SEIS RAZÕES PARA COMER OVO

E é melhor incluir no café da manhã

TOQUE NAS CHAMADAS

12 ciladas para quem usa lentes de contato

Entenda por que agora pode (e isso não deve mudar mais)

Consumido sempre, ele previne:

- falhas de memória
- ataques de gula
- piripagues no coração...

DOR DE CABEÇA
Os exercícios que acabam com as crises

DIABÉTICOS, É O FIM DA PICADA NO DEDO
Vem aí uma revolução no controle da glicemia

SINAIS PRECOSES DO PARKINSON
Dá para descobrir até 10 anos antes

CORTE O SAL E EVITE UM CÂNCER
Isso reduz em até 25% o risco de tumores

Um aspecto interessante desta matéria é a linha do tempo do Ovo. Que nesse caso começa nos anos 60, dizendo: “Autoridades de saúde dos EUA recomendam restrição no consumo de fontes de colesterol”. Ovo e manteiga patrocinariam infartos. Aí vem 1970 segundo marco da linha temporal: “A associação americana do coração limita a ingestão de gemas para três unidades semanais, e assim a imagem do ovo ficará arranhada por anos”. Daí, pula para 1990, onde “A redenção tem início” e “estudos questionam o impacto negativo do ovo na saúde cardiovascular, surgem pistas de que ele por si não aumenta o colesterol”. Em 2010 um novo baque: Uma pesquisa canadense conclui que a gema deve ser evitada por quem tem alto risco cardíaco, e a compara nessas circunstâncias, a perigo do cigarro. Novo baque.

Finalmente em 2015 somos surpreendidos pela notícia de que “o novo Guia alimentar dos EUA não condena mais o colesterol da comida e saem diversas pesquisas esmiuçando as benesses do ovo, até mesmo para o coração”. Podemos perceber através desta linha do tempo, que no universo da revista o modelo a ser seguido em pesquisas nutricionais é a produção norte americana. É citado o guia alimentar americano, o que nos faz observar que é negada a existência também o guia alimentar para a população brasileira, que, apesar de lançado em novembro de 2014, não foi citado em nenhum momento na revista “Saúde”. Nenhuma menção à mundialmente reconhecida e festejada publicação brasileira.

Vamos às razões para comer esse alimento: primeiro: “*Favorece a perda de peso*”.

“O Ovo acaba de ser apontado como um dos principais alimentos capazes de aumentar a saciedade e prevenir ataques de gulodice – principalmente se for incluído no café da manhã.” (Ilustração 20)

Segundo o pesquisador inglês autor da pesquisa que descreve a função do alimento, a justificativa para essa mudança de indicação para o consumo de ovo é que “*O produto da galinha é uma excelente fonte de proteínas, nutriente que suprime o apetite por mais tempo*”. Observação que nos fornece indício sobre o maior vilão no imaginário da publicação: o peso, ou melhor, o sobrepeso.

Interessante perceber que produzir a *saciedade*, está sendo apontado como uma função nobre do ovo. Isso é possível num contexto onde o valor está associado a alimentos que favoreçam a manutenção ou a perda de peso como o ideal a ser alcançado. Nesse sentido, o ovo é um aliado da dieta pela sua capacidade de “suprimir o apetite por mais tempo”. A pesquisa da matéria sobre ovo (ilustração 20) tratou de comparar a sensação de saciedade de 30 homens ingleses que tiveram controlados o seu desjejum. Separados em três grupos de dez, sendo um grupo servido com uma porção de cereal de milho, outro grupo que recebeu um croissant e o terceiro que teve a sorte de comer uma porção de ovos mexidos. Depois de medido o consumo energético ao longo do dia, avaliou-se que o café da manhã com ovos foi o que melhor saciou os integrantes do grupo, diminuindo concomitantemente a quantidade de comida no almoço.

Observa-se que a sensação de saciedade é tomada em sua acepção biológica. Será que uma avaliação da sensação de saciedade inferida a trinta homens ingleses pode nos ajudar a entender melhor a alimentação no “universo estomacal” brasileiro?

O que falar sobre a alegoria: ataque de gulodice? (ilustração 20) Num cenário de supressão do apetite, o que nos faz pensar nos dispositivos de controle dos corpos mediante o discurso, nesse caso específico através do discurso do biológico. Definitivamente a publicação não leva em conta o caráter subjetivo em jogo na questão da sensação de saciedade. Tão pouco menciona o caráter objetivo relativo às condições de vida e trabalho na Inglaterra em relação ao Brasil. As diferenças sócio-políticas destes países são simplesmente omitidas da pesquisa em questão.

Olhando para a capa desta edição temos a ilustração clara da representação da alimentação para o universo da revista “Saúde”. Reconhecendo que a mídia alimentar é um agente de peso. A Abril mídia S.A neste caso se configura como repositório de discursos que circulam pelo campo da Alimentação e Nutrição.

“Razões para comer”... Esta oração seria a síntese de uma Racionalidade Nutricional (VIANA, 2014) que pode ser observado na prática como a adequação do cardápio cotidiano a normas nutricionais. A racionalização da comida, o engodo de que é possível o sujeito que come exercer um controle absoluto sobre a alimentação. O cuidado quase persecutório, observado em busca o equilíbrio de nutrientes na alimentação praticada, onde se simples prazer de desfrutar a refeição. O conceito trabalhado por Viana é problematizado e aproximado da prática:

Acredita-se que tal expressão pretende alinhar a alimentação em normatizações de caráter científico e assim elevá-la a um status privilegiado conferido por uma ciência hegemônica, o qual é endossado pelo termo racionalidade. A racionalidade nutricional confirmar-se-ia como o dever-comer legitimado pela ciência, a qual também sustentaria o poder de elevar o consumidor desta norma a um status privilegiado: o de ter controle sobre o que comer em meio as variadas opções alimentares presentes no mercado. (VIANA, 2014, p. 2)

As “razões para comer” são de fato o maior fetiche da produção de discursos do campo da Alimentação e Nutrição que ousamos chamar de complexo alimentar Industrial. A propósito, falamos de um *Complexo alimentar industrial* que por ser *Complexo* abarca todos os agentes do campo, e de outros campos que atravessem o território do campo alimentar e nutricional.

A produção de subjetividade através do alimento é agenciada afinal pelo que chamamos *Complexo Alimentar Industrial*. Precisamos de razões para comer ovo? Ou razões para comer qualquer coisa? A resposta é sim, precisamos de razões para comer ovo. Num contexto onde sobre o ovo recai um estigma de “vilão”, esse fenômeno de vilanização de certos alimentos é facilmente observável através deste objeto de estudo, conforme a frase “*Entenda por que agora pode e isso não deve mudar mais*” estampada na Ilustração 20. Nesse trecho observamos que a revista se apropria das recentes controvérsias do campo. Seguimos transcrevendo a matéria:

Ele já foi o vilão da alimentação por causa do colesterol e, apesar de a ciência demonstrar que seus teores não se revertem em malefício dentro do corpo, ainda há quem receie botá-lo no prato. Uma nova leva de estudos, porém, vem destruir qualquer temor: o ovo pode até fazer bem ao coração. E seu status de aliado da saúde vai além: ele bate de frente com o ganho de peso, o diabete e a perda de memória. (ilustração 20)

Para que se tenha noção da importância da figura do *expert* para essa mídia alimentar, tomemos como exemplo essa matéria de seis páginas e repleta de fotos e tabelas e com textos bem curtos. Temos um professor de nutrição da Universidade de Surrey, na Inglaterra, um professor de “Ciências da nutrição” da Universidade de Tecnologia do Texas (EUA), um educador físico da Universidade de São Paulo (USP), uma nutricionista da PB consultoria em Nutrição de São Paulo, outra nutricionista nesse caso da Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo, um cardiologista do Instituto do Coração em São Paulo, uma Bioquímica Mexicana, Uma zootecnista da Embrapa, um professor de epidemiologia da Nutrição da Universidade da Finlândia Oriental, um endocrinologista da USP de Ribeirão Preto, uma nutricionista mestre em neurociências e professora da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Enfim, temos um saldo de onze *experts* pra uma matéria de texto curto que se dedicam a sustentar as ‘seis razões para comer ovo’.

Não nos parece ser aleatório que essa publicação tenha sido escolhida, para lançamento do novo *Layout* da revista saúde, demonstrado em vídeo animação no próprio site da Abril, e divulgado nas redes sociais na conta da revista. Aliás, a partir do estudo de uma mídia, observamos que nada está colocado ali aleatoriamente.

O texto curto de divulgação na animação transcrevemos aqui: *A SAÚDE ESTÁ DE CARA NOVA: CHEGOU A NOVA SAÚDE(É VITAL), CORES VIBRANTES,*

TIPOGRAFIA LEVE; MAIS INFOGRÁFICOS, MAIS ILUSTRAÇÕES FOTOS IMPACTANTES VERSÃO DIGITAL INTERATIVA; BEM VINDO!

Sabemos que a revista não cria ou inventa um universo próprio, nem constrói sentidos que são reproduzidos pela sociedade, pelo contrário, ela se apropria de sentidos e significados que estão na sociedade e são naturalizados no cotidiano como “verdades ou certezas científicas”. O discurso da ciência ou dos especialistas é utilizado para legitimar os discursos e interesses dos anunciantes e da linha editorial da revista. A análise das estratégias discursivas expostas nos meios de comunicação (mídia impressa e virtual) visa compreender os sentidos e significados das reportagens e anúncios publicitários. Quais são as origens de tais discursos? Quais interesses são representados ali?

Revistas como a “Saúde” são veículos de comunicação de grande abrangência. Os discurso proferido nas suas versões ,impressa e virtual, carregam não apenas a legitimidade da Abril mídia S.A, como também reforçam e articulam discursos do campo biomédico, dos especialistas, das empresas que anunciam, do senso comum que produz algumas falas, mas sempre tendo como pano de fundo um suposto saber cientificamente comprovado que se transforma em produto ou norma a ser seguida.

Uma matéria da revista “Saúde” (fevereiro, 2014), por exemplo, que trata da manga, foca em três variedades disponíveis no mercado (Tommy, Haden e Palmer) fazendo uma comparação entre tipos do fruto produzidos mediante uma engenharia genética. A manga ideal é um fruto higienicamente elaborado: polpa suculenta, altos índices de betacaroteno e vitamina C, altos índices de antioxidante, caroço reduzido, casca fina que fica vermelha quando madura e ausência de fiapos. Apresenta seus aspectos nutricionais e mercadológicos e omite, ignora ou escamoteia seus aspectos culturais e nega alguns tipos comumente cultivados no Brasil como a manga espada. Ressalta os benefícios para o seu habitual consumidor, principalmente para o sistema cardiovascular reduzindo o “risco” cardíaco, o que se demonstra através de “níveis mais baixos” de proteína C-reativa.

Ilustração 21- Saudável e sem fiapo.

Saudável até o fiapo

É tempo de manga... e trate de aproveitar! A fruta que colore as feiras no verão protege o peito e ajuda a espantar o câncer

por ANA CAROLINA BARELLA
design ANA COSSERMELLI
fotos ALEX SILVA

Cultivada na Índia há quatro milênios, a manga desembarcou no Brasil faz pouco mais de 300 anos. Por aqui, adaptou-se tão bem às condições climáticas que hoje somos o sétimo maior produtor mundial, com cerca de 1,3 milhão de toneladas anuais. Segundo o engenheiro agrônomo Carlos Jorge Rosseto, do Instituto Agronômico de Campinas, no interior paulista, os indianos seguem no topo da lista, até porque em seu território convivem mil entre os 1 600 tipos de manga existentes no globo. Foram eles, aliás, que lhe deram o apelido de fruto do amor eterno. Tanta doçura é também apreciada pelo povo brasileiro e fica mais evidente nesta época do ano, quando a fruta empresta seu rosa, vermelho e amarelo a feiras e supermercados. E, nesse caso, beleza se põe mesmo à mesa. Já há dados científicos suficientes para dizer que a manga presta uma senhora contribuição ao organismo.

Um estudo recente da Universidade do Estado da Louisiana, nos Estados Unidos, constatou que seus consumidores frequentes têm, em geral, um cardíaco mais saudável em comparação com quem despreza a fruta. Para chegar a essa conclusão, a pesquisadora Carol O'Neil cruzou informações obtidas no Levantamento Nacional de Saúde e Nutrição, com quase 30 mil americanos. "Os adeptos do alimento apresentavam níveis mais baixos de proteína C-reativa, um indicador de risco cardíaco", conta. Há explicação para o achado: as fibras solúveis e os antioxidantes que abundam na fruta zelam pelo bom funcionamento das artérias. "As fibras, por exemplo, baixam o colesterol, aumentam a sensação de saciedade e ajudam a controlar os níveis de açúcar no sangue", elenca a nutricionista Beatriz Botelho, da Equilibrium Consultoria, em São Paulo. Nas universidades chilenas de Antofagasta e Andrés Bello, o foco das análises foi o combate aos radicais livres. Os especialistas compararam as variedades tommy e pica, esta típica da região do Atacama. Embora a segunda tenha apresentado o dobro da capacidade antioxidante, ambas carregam doses significativas de substâncias que evitam a degeneração das células — benefício que não se restringe aos vasos e ao coração. O efeito se deve sobretudo à quercetina. "No organismo, ela se liga aos radicais livres e minimiza a possibilidade de danos celulares", explica a nutricionista Solange Brazuca, professora da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo. ©



Ilustração 22- Polpa Rica.

O MAPA DA MANGA

Ela dá em todo o Brasil. Mas certos locais do Sudeste e do Nordeste se destacam

Polpa rica
O que você encontra em uma porção de 100 gramas de manga tommy

Energia (kcal)	51
Proteínas (g)	0,9
Lípidos (g)	0,2
Carboidratos (g)	12,8
Fibras (g)	2,1
Potássio (mg)	138

FOTO: SUELI MARQUES / CONTRASTO (2x) / GETTY IMAGES

Ilustração 23- Doce duelo de frutas.

Doce duelo

As qualidades dos cinco tipos preferidos por aqui

① ROSA

Costuma ser uma boa pedida para sucos, já que a polpa, de tom amarelo-dourado, equivale a 67% do fruto. Muito cultivada em Pernambuco, tem esse nome por causa da casca rosada.

② PALMER

São duas as vantagens desta variedade: tem 65,5 gramas de vitamina C, o maior valor entre as cinco, e não apresenta fiapos. A desvantagem está nas calorias: 72 por fatia. A mais engordativa, portanto.

③ TOMMY

Originária da Flórida, nos Estados Unidos, é a queridinha dos brasileiros, a mais consumida e cultivada nestas terras. Também é a campeã em fibras: 21 gramas em uma fatia média. As demais têm, em média, 1,6 grama.

④ HADEN

Depois da tommy, é o tipo mais apreciado no Brasil. Tem caroço pequeno e a casca fica vermelha quando está madura. Fornece 64 calorias. É a segunda mais calórica — só perde para a palmer.

⑤ COQUINHO

Pequena e arredondada, conquista pelo sabor doce. É facilmente encontrada no estado de São Paulo e muito vendida em beira de estrada. Só peca pela quantidade de fiapos, que predominam na polpa.

MELHOR OPÇÃO

Para não desperdiçar nenhum nutriente, consuma a manga in natura. Uma dica para preservar suas propriedades é armazenar na geladeira.



NA FEIRA

Na hora de comprar, repare na casca: ela não pode estar muito dura nem muito mole. Evite as rachadas ou meladas, sinais de que a fruta está madura demais.

Ilustração 24-Fibras e antioxidantes.

NO COPO

Atenção: o suco tem bem menos fibras que a fruta, especialmente quando coado.



Vitamina de manga pode?

Não tem o menor problema combinar a fruta com leite. A história de que essa receita destrambelha a saúde surgiu no período colonial. "O leite era um alimento exclusivo dos senhores de engenho", conta Maria Carolina von Atzingen, da USP. "Para evitar que os escravos o consumissem, espalharam que sua mistura com a manga, abundante nas propriedades, fazia mal." A lenda deu pano para manga e até hoje gera temores.

A grande quantidade de fibras e antioxidantes também está por trás do seu potencial anticâncer. Experimentos sugerem que haveria uma ação especial contra tumores de mama e cólon. No caso do intestino, é mais fácil entender o porquê: as fibras da fruta famosa pelos fiapos auxiliam a regular o trânsito ali, o que favorece a eliminação de possíveis elementos carcinogênicos.

Outra virtude da manga, que colabora para o seu papel frente ao infarto e ao câncer, é a riqueza em potássio. "Esse mineral participa do funcionamento de quase todas as células e é essencial no controle da pressão arterial", diz Beatriz Botêgato. Para fechar o pacote de elogios, vale apontar que a fruta dá uma força ao sistema imune. "Uma fatia média já supre a necessidade diária de vitamina C e betacaroteno", justifica a nutricionista.

Mas sempre tem alguém questionando: "Manga engorda, não?" Maria Carolina von Atzingen, do Departamento de Nutrição da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), esclarece: "A manga só favorece o ganho de peso se consumida em excesso. Se há preocupação com a balança, a recomendação é comer uma fatia como sobremesa, por exemplo". Em termos de valor energético, meia manga costuma equivaler a meio mamão papaia. Só note que os valores nutricionais mudam bastante de acordo com a variedade. Uns 100 gramas do tipo palmer possuem 72 calorias, enquanto a mesma quantidade de tommy tem 51.

Os tipos da fruta também oferecem uma diversidade de sabores e texturas. A coloração, o aroma e a quantidade de polpa, que depende do tamanho do caroço, são indicadores de qualidade. "Aqueles com mais fiapos são desvalorizados no mercado e não costumam ser exportados", conta Carlos Rossetto. Pura questão de gosto. Nutricionalmente, não dá para afirmar que os fiapos façam tanta diferença. Mas, levando em conta os benefícios escondidos entre eles, dá para ficar à vontade para se lambuzar. O único trabalho será passar o fio dental depois. ●

As mangas da matéria são o resultado de “um estudo recente” de uma universidade localizada no hemisfério norte. Aqui encontramos algumas das características desse discurso que transforma o alimento em medicamento, a questão do fetiche com a funcionalidade, os benefícios quase milagrosos para a saúde, os riscos prováveis, a “descoberta científica” que se transmuda em novidade midiática e o discurso de autoridade atribuído estilo científico.

Neste sentido, se fazem presentes as noções de cientificismo, mitologia e ideologia da ciência. “O senso comum, ignorando as complexas relações entre as teorias científicas e as técnicas, entre ciência pura e ciência aplicada, entre teoria e prática e entre verdade e utilidade, tende a identificar as ciências com os resultados de suas aplicações” (CHAUÍ. 2000).

Existe, portanto, uma produção de sentidos nesses meios de comunicação que recaem sobre a alimentação. São produzidos por setores das ciências da saúde e encontram aderência nos sujeitos que habitam os espaços urbanos contemporâneos. Tais discursos encontram respaldo no senso comum e são discursos convincentes, potentes, pois são chancelados e legitimados pelo saber biomédico. Sempre com aquela sensação implícita de que “o profissional da saúde recomenda”.

O conceito de saúde incorpora o conceito de risco e incentiva a cultura do medo/risco, apresentando um cardápio de medidas preventivas onde a alimentação ocupa um lugar de destaque no hábito saudável: alimentos são prescritos, dosagens são recomendadas e excessos são recriminados. E o leitor, geralmente leigo, não percebe o jogo discursivo e os interesses corporativos e institucionais presentes nas matérias, nos anúncios e nas entrelinhas do texto da “Saúde”.

O simbolismo de corpo saudável está atrelado às medidas e formas ideais e, para atingir tais dimensões, não se investe em um projeto em longo prazo, esta não é uma aposta dos novos tempos – o tempo urge. O corpo é visto como mecanismo ou engrenagem, reproduzindo assim uma visão pragmática, utilitarista, tecnicista e reducionista do ser humano. O sujeito é transformado em coisa, objeto a ser moldado e (re) construído pelos artefatos da cultura e do mercado (LE BRETON, 2003).

O alimento, da mesma forma, é tratado como algo utilitário e funcional, sob uma metáfora de combustível que alimenta a máquina, sua função é apenas melhorar o desempenho e a funcionalidade, melhorar o funcionamento da engrenagem e “turbinar” a ‘performance’ humana. A saúde é vista na perspectiva da medicina

estética, do consumo (de medicamentos e serviços) e do mercado. Ela é tratada como o meio manter-se “saudável”, ativo e produtivo para o mercado.

A revista “Saúde” constrói e reproduz uma espécie de “paranóia pelo saudável”, uma “mania de consumir saúde”, pois, apesar da ideia de saúde ser vendida como tema principal, a revista se dedica às doenças, aos alimentos que supostamente previnem ou curam doenças, aos últimos tratamentos e descobertas sobre doenças, principalmente às doenças crônicas como diabetes e câncer. Basta uma comparação entre o índice remissivo da publicação ao longo de um ano para entender que a lógica editorial tem como tônica a “linguagem do risco” (SPINK, 2008) que se alimenta da “culpabilização do indivíduo”.

Risco em epidemiologia faz menção à probabilidade de ocorrência de um evento (mórbido ou fatal), mas também funciona como um termo não técnico que inclui variações probabilísticas quanto a desfechos desfavoráveis. Segundo conclui Castiel (2010) a própria ideia de probabilidade pode ser entendida de dois modos distintos: de forma subjetiva, intuitiva, crente, isto é, como incerteza que não se consegue medir ou de maneira objetiva, racionalizada, mensurável mediante técnicas probabilísticas, como incerteza capaz de ser medida.

Pautada nas tais técnicas probabilísticas, a ‘abordagem dos fatores de Risco’ ou ‘Marcadores’ visam à ‘predição de morbimortalidade futura’. (CASTIEL, 2010) De maneira que se torna possível mapear, contabilizar e comparar indivíduos, em relação a exposições aos fatores de risco e propor intervenções preventivas.

Atualmente uma série de trabalhos produzidos nas mais diversas áreas da saúde, leva em conta fatores de risco e vulnerabilidade de grupos, indivíduos ou células, que às vezes servem de substrato para a elaboração de escalas e instrumentos para medir e delimitar noções diagnósticas. Mas como o conceito de risco impacta o universo alimentar?

É interessante notar que o risco é, no imaginário da revista, imputado sobre modos de viver (alimentação, sono, sexo, comportamentos diários em geral) que já foram vividos, o risco recai sobre as práticas já executadas. Ou se olharmos para a história do indivíduo, a conta do risco funciona numa perspectiva retroativa, onde o alimento que é associado a um determinado risco hoje faz parte da alimentação da pessoa por toda uma vida, o traz à cena a noção do remorso, culpa. Eis que surge o ‘especialista’ ou *expert*, como queiram que através de suas recentes descobertas da

última semana, fazem enquadrar práticas já assentadas como expressões culturais de um povo, como atitudes perigosas, recrimináveis, danosas para a saúde.

Um dos maiores exemplos é o caso do ovo, descrito acima e da sua associação a índices de colesterol e os riscos observados para o sistema cardiovascular. Apontando que o risco estava nas nossas práticas mais banais, vemos incutida a culpa, como possibilidade de mediação entre o saber alimentar (científico, racional e biomédico) e os modos alimentares (controversos, medrosos e alienados).

Nas capas das edições que compõe o *corpus* deste estudo observa-se a comida fotografada na fria assepsia do estúdio, iluminada, maquiada, produzida e “pós produzida”. Temos como estrelas em foco o abacaxi, o abacate, o feijão, o açaí, o mel, o mamão com aveia, o café, o suco de uva, o alho, o queijo, o pão de forma, o iogurte, o macarrão, o brócolis, as frutas vermelhas, a pera, a laranja, a maçã, o açúcar, a manteiga, a sardinha e, finalmente, o salmão. Fugindo dessa tendência temos uma edição que traz um prato vazio e fala do jejum, além de outras duas que trazem mulheres na capa, falando uma da dor nas costas e outra sobre problemas na tireoide. Temos ainda uma capa cuja reportagem correspondente versa sobre a saúde do homem.

Há sempre nas capas um destaque para reportagens específicas geralmente prescritivas como: “5 vegetais por dia: essa porção reduz em até 25% as chances de você desenvolver qualquer doença”. Matéria aliás que nos fez enxergar de maneira diferente a numerologia de que a revista faz uso. Pois na folha seguinte após chamada de capa temos o informe publicitário que trata da comercialização de suplemento vitamínico que diz conter entre outras substâncias, 05 vegetais. Como podemos ver na ilustração abaixo:

Ilustração 25- Cinco vegetais por dia.



SAÚDE É VITAL

31 anos
EDICÃO DE ANIVERSÁRIO

SAUDE.ABRIL.COM.BR

5

VEGETAIS POR DIA

Essa porção **reduz em 25%** a chance de você ter qualquer doença

Vitamina D anda em falta no corpo. Corra atrás do prejuízo

O guia do **travesseiro** perfeito

12 fatores curiosos que confundem seus **exames**

Dá para tratar muito melhor a **esclerose múltipla**

WHEY PROTEIN PODE SER UMA BOA
Ele fortalece até quem faz pouco exercício

MENOS SAL PARA O DIABÉTICO
Tão vital quanto diminuir o açúcar

GINÁSTICA CONTRA O EFEITO SANFONA
Para manter o peso, ela é mais eficaz que dieta

Ilustração 26- Cinco vegetais em uma pílula.



Você sabia que somente 40% dos brasileiros consomem a quantidade de frutas e hortaliças recomendada pela Organização Mundial de Saúde? NUTRILITE Daily Plus ajuda a complementar sua dieta.

NUTRILITE **daily plus**
SUPLENTO DE VITAMINAS E MINERAIS
CONTÉM: 30 TABLETES
PESO LÍQ.: 40 g

NUTRILITE
O MELHOR DA NATUREZA. O MELHOR DA CIÊNCIA.

Exclusividade **Amway**

As concepções de corpo e saúde são mecânicas, como se observa nessa manchete presente na edição de Maio/2014 “A Ciência Comprova: SARDINHA Imbatível para Turbinar a saúde; Ela tem mais ômega-3 que o salmão, mais cálcio que o leite, Vitamina D de montão... E nem tem muito sódio”.

Ilustração 27- A ciência comprova- turbinar a saúde.




Afinal de Contas, que ciência é essa que sustenta que a sardinha é imbatível para turbinar a sua saúde? E que concepção é essa de saúde que precisa ter uma alta performance? A saúde não basta. A revista nos faz desejar uma saúde perfeita ou, ainda, uma super-saúde. Turbinada, a saúde de uma máquina abastecida com o combustível específico para um melhor rendimento, com Mais Omega-3, mais cálcio, uma sobre dose de vitamina D, sem muito sódio, até por que o sódio é da “turminha do mau”, os que propagam “Mal-Estar”, os Vilões da história.

Desta maneira se faz pertinente categorizar, o que antes era aqui entendido por medicalização e se mostrava com diversas faces diferentes e a partir de vários fenômenos interligados, mas substancialmente diferentes, como “Farmacologização” conceituada em Camargo Jr.(2013) a partir de suas leituras como: “a tradução ou

transformação de condições, capacidades e potencialidades humanas em oportunidades para intervenções farmacológicas”. Sanitarização ou Imperialismo Sanitário, definidos como uma expansão indefinida, potencialmente infinita, do conceito de saúde, que passa a encampar toda a experiência humana (CONRAD, 2010). Portanto esses conceitos antes eram percebidos como formas de Medicalização.

Ilustração 28- Dicas
para viver mais

**Nozes e afins:
um punhado
por dia para
viver mais**



O desenvolvimento desse complexo médico industrial se liga também à genetização da saúde proposta por Castiel: Trata-se de entender a influência do essencialismo genético que busca igualar os seres humanos aos seus genes, liberando-os de sua complexidade social, histórica e moral e reduzindo-os a uma dimensão molecular. (CASTIEL, 2010).

Ilustração 29- Genetização dos hábitos cotidianos.



Outro aspecto relevante na análise das capas da revista “Saúde” é a dimensão de estetização da saúde. Segundo Ferreira (2011), essa estetização é a valorização de parâmetros estéticos na definição das condições de saúde. Ou seja, se o indivíduo atende a determinados aspectos estéticos, acredita-se que ele esteja dotado de saúde. Nota-se aqui também um paradoxo entre uma redução circunstancial de um aspecto (a estética) em oposição a uma cientificização excessiva da saúde.

Ilustração 30 - A fita métrica e seus 11 segredos.

SAÚDE
REVISTASAUDE.COM.BR

É VITAL

ESTUDO INÉDITO DESVENDA

11

SEGREDOS DOS MAGROS SAUDÁVEIS

- Eles não fazem regime
- Capricham no café da manhã
- Comem carne (mas não qualquer uma)...

EXERCITE-SE PELO BEM DO CÉREBRO. NUNCA É TARDE PRA COMEÇAR

UM TIPO COMUM DE ESCOVA ESTRAGA OS DENTES. QUAL A IDEAL?

A NOVÍSSIMA DIETA PARA REGULAR E ACALMAR O INTESTINO

Além da relevância dada aos aspectos estéticos da saúde, observa-se ainda uma crescente psiquiatrização do cotidiano. Segundo Costa e Bezerra (2015), a própria psiquiatria tem suas origens, de acordo com Foucault, na medicalização da vida nua (ou corpos dóceis) e a fornece a lente através da qual podemos analisar alguns destaques da revista como o que afirma haver uma dieta que evita a depressão. Essa ponte entre psiquiatrização do cotidiano e medicalização se conecta ao alimento, posto que para nós, as noções de *Corpo* e *Alimentação* estão intimamente ligadas e localizadas na ordem do cotidiano. Podemos entender a psiquiatrização do cotidiano como o dispositivo de recorrer ao vocabulário psiquiátrico para nomear aspectos da personalidade ou experiências do cotidiano com certa naturalidade.

Ilustração 31 - Psiquiatrização do cotidiano

**A DIETA QUE EVITA
A DEPRESSÃO**
Cientistas explicam
por que ela funciona

Observamos, ainda, que o risco como categoria central do estudo também se refere aos estudos construídos nas disciplinas de teoria social da saúde. E aqui se liga diretamente à noção de sanitização ou Imperialismo sanitário (CONRAD, 2010). Pois para justificar a expansão potencialmente infinita dos serviços oferecidos no mercado da saúde uma série de tipos de risco deve ser tomada como objeto de estudo para que se possa chegar a soluções para controlar ou dirimir estes riscos.

Temos então como pano de fundo um discurso científico que se instala sorrateiramente no senso comum e naturaliza discursos, práticas, comportamentos, hábitos cotidianos e modos de consumo de alimentos carregados de cientificismo. Os alimentos de uso cotidiano, portanto, além de serem enriquecidos com cálcio, ferro e vitaminas A, B ou C, são enriquecidos também com a ideologia da ciência.

Ilustração 32- Consciência do que comem.



O Oitavo segredo dos magros saudáveis está indicada acima, e chama à consciência os que comem. Este estudo em destaque na publicação traz várias dicas que despretensiosamente, propõe um modo alimentar consciente. Interessante notar que o psiquiatra é convidado a falar junto com a nutricionista. “Sem neurose”, na hora de se alimentar, mas “com atenção”.

Ilustração 33- Pílulas de combustível diário.

vitaminas
 stress estilo de vida correria
saúde
 nutrição minerais fortalecimento
 alimentação organismo
 nutrição organismo

**O COMBUSTÍVEL DIÁRIO
 DE QUE NOSSO CORPO PRECISA**

SIDNEY OLIVEIRA
 Suplementos, Vitaminas e Minerais

PREÇO ÚNICO
 AFINAL, NOSSA SAÚDE É ÚNICA

ultrafarma.com.br
 11 5591-1466

Não use esse produto como única fonte de nutrientes. Recomenda-se a orientação de um médico ou nutricionista. Consumir somente a quantidade indicada nas embalagens. Gestantes, crianças, nutrízes e portadoras de qualquer enfermidade somente devem consumir estes produtos sob orientação de nutricionista ou médico. NÃO CONTEM GLUTEN.

O corpo é concebido através da metáfora da mecânica, olhando algumas representações do corpo do diabético no imaginário da publicação, temos na sessão medicina: A “insulina inalável” e a promessa de sistemas inovadores de medição de glicose para esses clientes, que são: a “*Tatuagem eletrônica – Sistema de eletrodos fixado na pele, como uma tatuagem temporária, mede a glicose a partir de leves*

choques.” As lentes de contato, que “dosam a glicemia por meio da concentração de açúcares nas lágrimas e podem mudar de cor para avisar que o índice está alto”. Ou os medidores com infravermelho, “a luz penetra meio milímetro abaixo da pele e, com base num cálculo de frequência, dá a taxa de glicose”. (Ilustração 10)

Se quisermos falar de Farmacologização (CONRAD, 2010) do social a revista nos oferece as suas propagandas, porém por toda a revista, veremos exemplos de estetização da saúde, e banalização da ciência. A suplementação é trabalhada no mercado mediante os personagens da família, então se é necessário alimentar os ossos na infância ou na terceira idade, através de uma alimentação baseada em certo tipo de dieta, há no mercado, um suplemento equivalente para cada idade.

Ilustração 34- substitui uma refeição.

Nutri Soup Herbalife.
Com fórmula balanceada, sabor e equilíbrio. Experimente!

HERBALIFE NUTRIÇÃO
Sabor do Bem Estar

Substitui uma refeição.
23 vitaminas e minerais.
Apenas 202 calorias.
Namorado quase chef.

Fale com um consultor independente.
herbalife.com.br ou 0800-774-3722

A Partir de uma análise transversal do conteúdo da revista “Saúde”, podemos observar a caracterização de um cenário repleto de riscos e perigos e alguns destes são alçados ao papel de vilão quando o assunto é alimentação. Os maiores vilões nas páginas da revista “Saúde” são o açúcar, o sal (sódio), as gorduras. No caso do açúcar, um exemplo extraído da revista é a entrevista publicada revista “Saúde” de setembro/2014 com o Dr. Graham MacGregor, cardiologista britânico, “pai do movimento *Action on sugar*.” Edição que, aliás, traz em sua capa a seguinte manchete: *Reviravolta na dieta: gordura não é tão ruim assim, açúcar é que ameaça o coração*, sugerindo que a gordura, assim como o ovo pode não fazer tanto mal quanto o açúcar. No interior da revista, logo após a matéria que confronta os perfis e os riscos associados à gordura e ao açúcar temos a entrevista, acima citada. O Dr. Graham é apresentado como: “O MAIOR INIMIGO DO AÇÚCAR”.

A metáfora bélica nunca esteve tão em voga para ilustrar assuntos alimentícios como nos tempos atuais, pois toda estratégia seria válida na guerra contra o risco. O consumidor precisaria ter as armas adequadas para se proteger: a informação, ou melhor, uma “enxurrada” de notícias, é vista como uma destas armas à disposição de uma “saúde perfeita”.

Não seria exagero dizer que o tiro saiu pela culatra. Se apenas a informação solucionasse os problemas de saúde no campo da Alimentação e Nutrição não teríamos os altos índices de obesidade com todas as suas comorbidades a como um dos maiores problemas na saúde pública atual.

Se pensarmos a medicalização de acordo com Conrad (2010), no contexto da alimentação podemos arrolar o fenômeno do surgimento da especialidade médica denominada por nutrologia. Já que para esse autor medicalização diz respeito a tornar da alçada médica um fenômeno anteriormente não entendido como tal.

O fenômeno que mais frequenta o imaginário presente na revista “Saúde” nesse caso de acordo ainda com o pensamento de Conrad é a farmacologização. Expressa através da ênfase na suplementação alimentar, mas não exclusivamente, pois a própria posologia defendida pela revista, no consumo de certos alimentos também remete a farmacologização do alimento. Aqui vemos em relação com os alimentos, que seria no caso a atribuição de um valor farmacêutico aos alimentos, transformando-os em medicamentos. Desse dispositivo a revista é farta. Como podemos observar nos exemplos recortados da revista “Saúde” de junho de 2015: “gingibre para os diabéticos como usá-lo para baixar a glicose” ou “iogurte contra a

acne, ele agora vira prescrição”. Fenômeno que por tão complexo mereceria estudos futuros.

Outra curiosidade é perceber como partes do corpo são elevadas à categoria de entidades, que tem emoções, se alimentam ou até tem a capacidade de engordar. São as estruturas que devem ser alimentadas. Como observamos na imagem a seguir, onde há um clamor para que se “alimentem os ossos” e novamente se oferecem o iogurte, pois segundo a revista, “o iogurte tem um *mix* de nutrientes que afasta a osteoporose” Outro aspecto interessante de se notar nesta mesma imagem é um tema que surge das análises aqui empreendidas que estamos elaborando como “a nutricionalização da família”, ou seja, fomenta-se a construção de protocolos alimentares de acordo com estilo de vida por um viés que pressupõe entes familiares. Melhor dizendo, constroem-se tipos ideais de dieta em que certos parâmetros são assumidos como balizadores das fases da vida de cada indivíduo, levando em conta o gênero e os riscos a que se está exposto. O mercado de suplementos alimentares sempre está em jogo, pois de acordo com cada fase é preciso “alimentar” partes mais específicas, como os ossos na velhice ou os músculos na juventude. Frequentemente na página seguinte as propagandas acompanham o conteúdo das matérias. Todos os alardes de especificação alimentar voltadas para certa função ou que tem seu efeito associado à proteção de algum órgão encontra seu paralelo em um suplemento, que, por “sorte do destino”, é anunciado na revista, costumeiramente nas páginas que se seguem.

Ilustração 35 - Cardápio ideal



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revista “Saúde” constrói um discurso que atua em sintonia com o chamado estilo de vida saudável. Pensá-la em sua articulação com Racionalidade Nutricional (VIANA, 2014) é, neste contexto, mais uma ferramenta de abordagem dos modos alimentares e da parte da mídia que se ocupa do alimento. O fato é que o alimento deixa a fábrica e ganha as prateleiras do mercado literalmente embalado por um discurso. O espetacular discurso midiático da alimentação segura e eficiente. A revista opera no sentido da expansão desta lógica que enquadra e normatiza a comida em sua prática cotidiana, num cenário pós-moderno que favorece a franca expansão da Racionalidade Nutricional (VIANA, 2014), dentro do Complexo Médico Industrial. Isto na prática pode ser entendido como a criação de um propósito científico para a comida. Que passa a moldar a produção de alimentos e permear a produção de razões para vender a comida como um bem de consumo. Neste sentido a revista opera no sentido da expansão desta lógica que enquadra em normatiza a comida em sua prática cotidiana. O leitor, os setores da mídia e o setor de produção de alimentos, funcionam num registro simbólico hegemônico comum que se coloca como agente normativo das práticas alimentares, respaldado por um complexo médico industrial. Que aqui pode ser observado como complexo alimentar industrial.

Quando lançamos o olhar para o discurso veiculado por uma mídia, o que se põe em questão é a produção de sentidos no cotidiano. A mídia, com a sua publicidade onipresente não cessa de colonizar o cotidiano das pessoas. Bem como as práticas alimentares são parte do cotidiano de todos. Há, portanto uma interação continuada, das práticas discursivas com as práticas alimentares e corporais.

É importante que se diga que a mídia destinada à alimentação não se limita ao universo das revistas, jornais ou sites que tratam do assunto, mas se encontra também e primordialmente impressa nos produtos de gênero alimentício, que por sua vez estão cada vez mais recobertos de informação. O que é dito sobre os alimentos em suas embalagens que de tão rebuscado e técnico, quase pode ser descrito pelo dispositivo *Vide Bula*, tal qual se faz presente nos fármacos. Seria este um dos aspectos velados da farmacologização da comida?

Neste estudo buscamos analisar o discurso em jogo na produção de sentidos sobre a comida, presentes nos textos da revista “Saúde”. A revista atua como um

almanaque do setor de produção alimentícia e farmacológica. Identificamos estratégias discursivas articuladas no sentido de legitimar a ideologia liberal que para cada “infelicidade” que a vida lhe apresente há sempre um produto indicado para lhe restituir a “felicidade”. O que podemos perceber que na revista se traduz por saber mediante a contínua atualização, qual suplemento ou qual prática alimentar é mais indicado para o seu problema de saúde.

Um aspecto da revista que é primordial para o mercado, e para a análise que se pretende aprofundar em trabalhos futuros, é sobre os aspectos ligados a *Farmacologização*. Talvez esse material oriundo do marketing farmacêutico presente na revista seja o mais farto e mereceria uma atenção especial. Sua ligação com a comida nesse contexto é muito forte e fundamental para o entendimento das dinâmicas de poder dentro do Complexo médico industrial, articulando a ideia de medicalização à indústria do conhecimento. O que por sua vez produz subjetividades em torno do ideal alimentar e imperativos sobre a comida, e objetivações sobre o corpo.

O sentido atribuído ao que se come, está cada vez mais amparado por um ideal de saúde perfeita, onde o perfeito é ter um corpo magro, sobretudo. Os benefícios dos alimentos consumidos são medidos em função dos últimos achados das pesquisas médico-nutricional-farmacêuticas. Num contexto onde se confundem a ética das profissões do campo da saúde com a ética do mercado, percebemos então uma tendência à banalização da evidência científica em função de sua transformação em evidência jornalística.

Trata-se de um jogo em que todos os atores parecem defender os interesses da indústria farmacêutica. Esta por sua vez, se coloca como a *expert* para assuntos ligados a suplementação alimentar reforçando o que talvez seja o nicho mais promissor do mercado farmacêutico global, justamente por contar com uma área de expansão praticamente ilimitada. É nesse sentido que buscou-se articular esses desenvolvimentos científicos com a função midiática e normativa da revista, apontando, ainda que de forma insipiente, para o Imperialismo Sanitário de Peter Conrad (2010). É justamente essa expansão possivelmente infinita e plástica das normatizações alimentares que justificam o consumo de dispositivos de saúde, dispositivos alimentares.

Há uma produção de subjetividade inerente à prática discursiva. Sujeitos se constituem em forma de série através do discurso. No caso específico do objeto em

questão podemos criar um esquema para sintetizar, a noção de práticas alimentares, de modo a incluir o conceito de práticas discursivas. Enquanto o corpo se constitui do ponto de vista orgânico através da comida, incorporando o alimento, o sujeito se constitui através do discurso incorporando signos. Adotando práticas, estabelecendo sentidos, respaldando se em significados construídos em mediação com a história.

Práticas discursivas constroem sujeitos que constroem modos alimentares que constroem subjetividade. Os aspectos constitutivos de corpos e sujeitos, curiosamente, passam por questões relacionadas ao universo oral. A oralidade é sem dúvida um campo a ser considerado neste caso.

A comida no imaginário da mídia analisada assume o papel ambíguo, onde ao mesmo tempo em que se configura como a danação que traz à tona uma série de riscos, configura-se, possivelmente, como a salvação de todos os males, a comida revestida por uma aura divinizada a qual se atribuem a propriedade da cura, e da “blindagem da saúde” - para usar as palavras da revista.

Na publicação isso se apresenta mediante a apropriação da lógica da autoajuda, que nesse caso reforça a ideia de que o indivíduo é o responsável por sua dieta e por sua saúde pode ser responsabilizado. Sendo este o agraciado com uma boa saúde alimentar, fruto de uma boa conduta. A alimentação equilibrada adequada em última instância ao que é preconizado pelo ideal da saúde perfeita e individual.

A compreensão do discurso midiático voltado para a alimentação passa por uma consideração sobre a atribuição de valor simbólico da sociedade sobre a comida na vida cotidiana. No caso da nossa realidade brasileira fez necessário o estudo de conceitos que forneceram subsídios para pensar o campo da Saúde, tais como a medicalização a farmacologização e o Imperialismo sanitário.

É notória a complexidade do campo por onde o estudo transitou, ou melhor o estudo transitou por áreas complexas do pensamento e lidou com conceitos que possibilitam leituras oriundas de diversos saberes, versamos sobre vários setores que competem para prover sentidos sobre alimentação, ciência, saúde e mídia. Posto que as fragilidades do estudo sugiram um tempo maior de observação dos fenômenos aqui percebidos, o que não seria possível no curto tempo do mestrado pretendeu abordar num trabalho futuro alguns temas como a relação entre Complexo Médico Industrial e Complexo Industrial Alimentar para aí sim trabalhar de forma aprofundada a farmacologização do alimento.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 240p.

BOSI, Maria Lúcia Magalhães; PRADO, Shirley Donizete. Alimentação e Nutrição em Saúde Coletiva: constituição, contornos e estatuto científico. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, jan. 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Os Usos Sociais da Ciência**: Por uma sociologia do campo científico. São Paulo: ED UNESP; 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: uma crítica social da faculdade do juízo. Lisboa: Edições 70, 2010.

BOURDIEU, Pierre, **Sobre a televisão, a influencia do jornalismo e os jogos olímpicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1997.

BRUNER, J. Pragmatics of language and language of pragmatics. **Social Research**, v. 51, n. 4, p. 969-984, 1984.

CAMARGO JR., KENNETH Rochel de. Medicalização, Farmacologização e imperialismo Sanitário. **Cadernos de Saúde Pública**, 2013.

CAMARGO JR., KENNETH Rochel de. A biomedicina. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 45-68, 1997.

CAMARGO JR., Kenneth Rochel de. As armadilhas da "concepção positiva de saúde". **Physis**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 63-76, Apresentado. 2007.

CAMARGO JR., Kenneth Rochel de. Public Health and the Knowledge Industry. **Rev Saúde pública**, v. 43, n. 6, p. 1078-1083, 2009.

CARVALHO, M. S.; LUZ, M.; PRADO, S. Comer, alimentar e nutrir: categorias analíticas instrumentais no campo da pesquisa científica. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 16, n. 1, 2011.

CASTIEL, Luís David. **Correndo o Risco**: Uma introdução aos riscos em saúde. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz 2010.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário Foucault**: um percurso pelos seus temas conceitos e autores. Belo Horizonte: Autentica, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CONRAD, P. **The Medicalization of society**: On the transformation of human conditions into treatable disorders. Baltimore: the Johns Hopkins University Press; 2007.

FERREIRA, F. R. Algumas Considerações acerca da Medicina Estética. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 1, 2010.

FLECK, Ludwick. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Belo Horizonte, Fabrefactum, 2010, Publicado originalmente em (1935)

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. 18. ed. São Paulo: Loyola, 2009, Publicado originalmente em 1971.

GRUPO ABRIL. Disponível em: <<http://grupoabril.com.br/pt/o-que-fazemos/M%C3%ADdia>>. Acesso em: nov. 2014-maio 2016.

LEBRETON, David. **Adeus ao Corpo**. Campinas: Papirus, 2003

KUWAE et al. Mercado do Saudável: Consumo alimentação e Saúde. In: PRADO, Shirley Donizete et al. (org.). **Alimentação e consumo de tecnologias**. 1. Ed. Curitiba: Ed. CRV, 2015. v. 4, p. 349

MIGUELOTE; CAMARGO Jr. Indústria do conhecimento: Uma poderosa engrenagem. **Rev. Saúde Pública**, 2010.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas**: A segmentação da cultura no séc. XX São Paulo: Olho d'Água/ Fapesp, 2001

MOVEMENT ACTION ON SUGAR. Disponível em: <<http://www.actiononsugar.org/>>. Acesso em: nov. 2014.

ORLANDI, Eni. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 11. Ed. Campinas, 2013.

ORLANDI, Eni. P. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2012.

PORTAL M DE MULHER. Disponível em: <<http://mdemulher.abril.com.br/>>. Acesso em: 2014-2016.

PORTA DOS FUNDOS. Disponível em: <<http://www.portadosfundos.com.br/video/nutricionista/>>. Acesso em> 21 jun. 2016.

PUBLIABRIL. Disponível em: <<http://www.publiabril.com.br/marcas/saude/revista/informacoes-gerais>>. Acesso em: ago. 2014.

REVISTA SAÚDE. Disponível em: <https://www.facebook.com/revistasaude/info/?tab=page_info>. Acesso em: set. 2014-maio 2016.

SALEM, Tania. **Manuais modernos de Autoajuda**: uma análise antropológica sobre a noção de pessoa e suas perturbações. Rio de Janeiro: UERJ/IMS, 1992.

SFEZ, Lucien. **A Saúde Perfeita**: Crítica de uma nova utopia. São Paulo: Loyola, Brasil, 1996.

SPINK, M. J. P.; PEREIRA, A. B.; BURIN, L. B.; SILVA, M. A. da; DIODATO, P. da R. **Usos do Glossário do Risco em Revistas**: Contrastando “Tempo” e “Públicos”, 2008.

SPINK in IÑIGUEZ Coord. **Manual de Análise de Discurso nas Ciências Sociais**. Petrópolis RJ, Vozes; 2004.

SIMMEL, George. Sociologia da Refeição. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 159-166, jan.-jun. 2004.

VIANA, M.; CAMARGO Jr. K. Racionalidade Nutricional: Do que se trata? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS EM SAÚDE, 6., 2013, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2013,

VIANA, M. et al Racionalidade nutricional - uma inovação da indústria e da mídia de alimentos. In: SEMINÁRIO SOBRE ALIMENTOS E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS, 2.; SIMPÓSIO INTERNACIONAL ALIMENTAÇÃO E CULTURA, 1., 2014, Aracajú. **Aproximando o diálogo entre produção e consumo**. Aracajú, 2014.